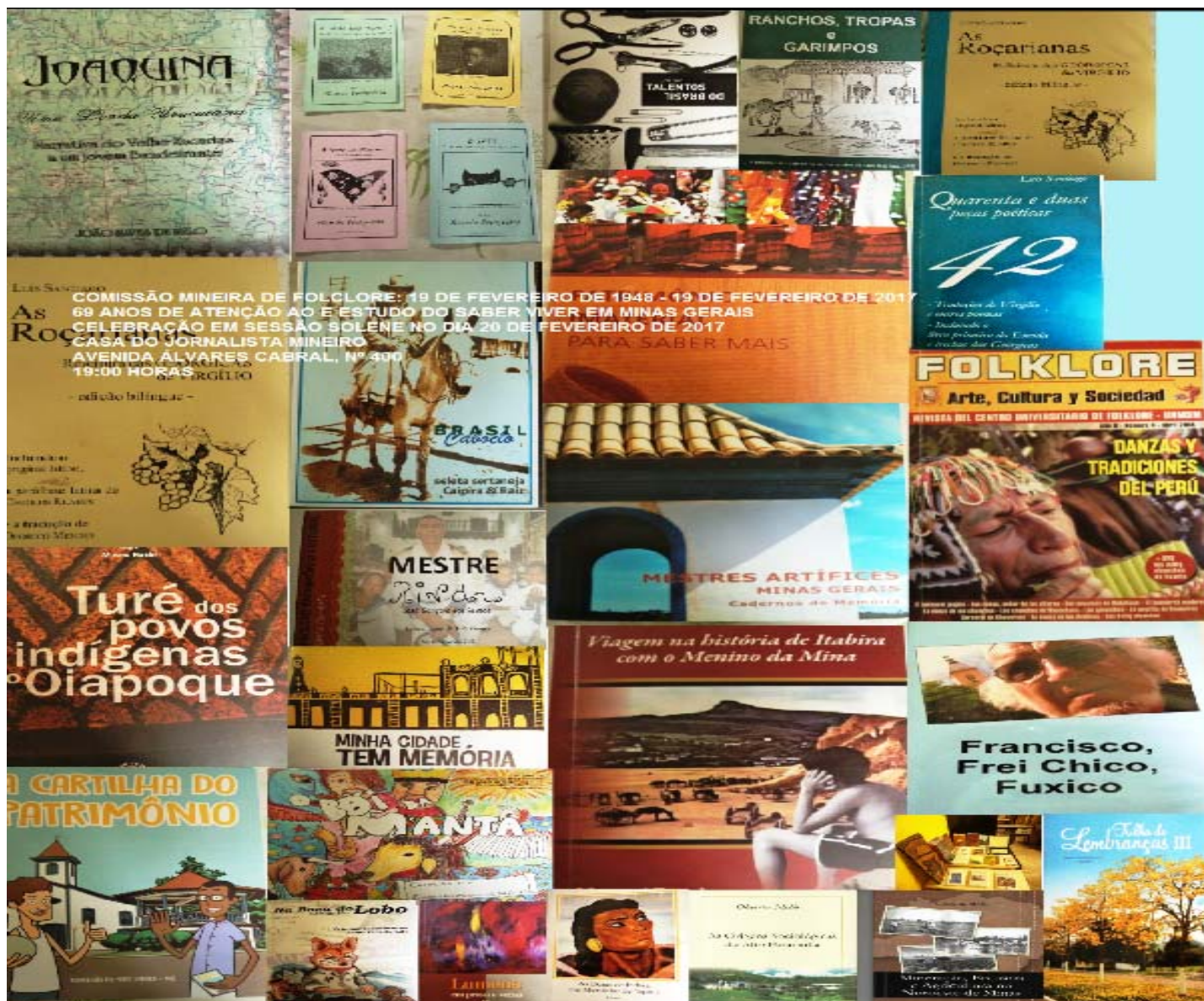




CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 01-2017– Janeiro-
Março - 2017



69 ANOS DE ATENÇÃO AO E ESTUDO DO SABER VIVER EM MINAS GERAIS E SUAS CONDIÇÕES



Editorial

Comissão Mineira de Folclore: 69 anos

Esta edição de nosso Carranca é destinada à celebração dos sessenta e nove anos de fundação da Comissão Mineira de Folclore. Vale sublinhar as marcas principais do movimento dos folcloristas lembradas insistentemente em nossas publicações.

O movimento dos folcloristas assume a face conhecida como folclore no interior do movimento romântico. Há, portanto, no movimento dos folcloristas a referência constante a um mundo de ficção, de procurar raízes em algum passado que insiste em permanecer na memória coletiva. Consequentemente, o movimento dos folcloristas é anterior ao nome Folk-Lore criado no dia 22 de agosto de 1846 por Willian John Thoms.

Isto, porém, não é tudo. O segundo aspecto a destacar é que o movimento dos folcloristas, além de surgir antes do nome, tem no cerne relatar a saga de um povo para destacar os costumes em comum, ou os hábitos arraigados ao saber viver desse povo. Desse modo, **povo, costumes e hábitos** são termos inerentes à compreensão do movimento. Enquanto movimento, as ações concretas dos folcloristas se expressam nas obras de arte, entendidas como tais todas as representações sociais que visam impor como real determinadas categorias do saber viver. Não se pode, portanto, compreender nenhuma obra dos autores do movimento sem se referir a um mundo imaginado.

O terceiro ponto a sublinhar diz respeito à referência a **nação**. O movimento romântico, caldo de cultura do movimento dos folcloristas, não se pode entender sem referência necessária aos **costumes em comum**. Portanto, nação é um conceito necessário para indicar para qual formação social os costumes são comuns.

O quarto destaque é que o movimento romântico somente adquire sentido no interior dos estados em formação. A consequência disto é que **Estado** é referência essencial para a compreensão das obras em construção pelo movimento.

Em síntese, **povo, nação e Estado** são convergências de eixos que se cruzam no saber imaginar os hábitos e costumes em comum. A junção dessas categorias necessárias à imposição de uma **realidade objetiva** evidencia de imediato a marca ideológica que informa o movimento. [É importante fixar que ideologia é um todo discursivo que somente adquire sentido diante de outros todos discursivos. Sob esse aspecto, qual-

quer ideologia revela apenas o esforço de compreensão do real sob a manto de uma dada realidade.]

Há que perguntar: a qual ou a quais outras realidades objetivas a ideologia construída no interior do movimento romântico se opõe? Vale um exemplo. Miguel Cervantes será eternamente admirado pela construção do Dom Quixote. Segundo interpretações hegemônicas, Cervantes determina o fim dos romances de cavalaria. Não cabe mais na imaginação do real nos tempos de uma Espanha de Felipe II [Felipe IV da Espanha], o louvor aos tempos da cavalaria. Todas as obras que alimentam a imaginação excêntrica do Valeroso Cavaleiro, Dom Quixote, devem ir à fogueira. Contudo, o cura convocado pela sobrinha de Dom Quixote para exorcizar e mandar à fogueira os focos da imaginação excêntrica, vê cair-lhe aos pés uma obra que não pode ser excomungada. Foi concluída no ano de 1460 e publicada em 1490, e é elogio à cavalaria como valor universal de promoção da Paz. Trata-se do **Tirant lo Blanc de Joanot Martorell**. Afinal, qual o enredo principal do *Tirant lo Blanc*? Como será o mundo após a queda de Constantinopla? Qual o poder da Europa para estabelecer a paz entre impérios seccionados por nações?

Pois bem, se Dom Quixote determina o fim de uma era, há que preservar alguns exemplares do imaginário de outra era; aquela louvada pela literatura do ciclo arturiano, com o Santo Graal, Lancelote, o cavaleiro da besta ladadora e Parsival. Contudo, o mesmo Cervantes que criou o Dom Quixote como comédia de um tempo inconveniente ao presente trouxe para a imaginação moderna uma tragédia. **O Cerco a Numancia** é nitidamente obra que cabe no quadro do movimento romântico. A Espanha tem um passado de resistência que funda a nação e exhibe os costumes em comum que fundam o saber viver em Espanha, muito antes da invasão dos Mouros, a Espanha resistiu aos romanos. Apenas como curiosidade, vale registrar que, nos anos de chumbo, o Teatro Universitário – T. U. – da UFMG encenou esta tragédia com o título “Numancia, ou Ficar a Pátria Livre” ao passo que o Grupo de Teatro Giramundo também da UFMG apresentou a opereta de Manuel de Falla baseada no romance do Quixote “El Retablo Del Maese Pedro”.

Nem se há de esquecer Alexandre Herculano e sua ampla imaginação histórica do reino – não do império – lusitano, com suas *Lendas e narrativas; O Bobo; Eurico o Presbítero*. No Brasil, o movimento romântico também

Editorial

se inclina para nossas origens lendárias com o *Guarani* de José de Alencar.

Há, conseqüentemente, um movimento de louvor aos costumes em comum necessários à afirmação de uma nação como povo que antecede à codificação do movimento dos folcloristas pela carta de William John Thoms. E há que situar o sentido dessa codificação que toma corpo com a criação da Folklore Society em Londres no ano de 1878, a que se seguiu a American Folklore Society fundada em 1888. Na França, Paul Sébillot fundou em 1885 a Société des traditions populaires e publicou a Revue des Traditions Populaires a partir do ano de 1886.

Ora, há que se ter presente, de um lado, a criação de sociedades de estudo do Folclore que se erigem como centros normativos dos estudos do saber viver em determinada formação social, e, de outro lado, o movimento que atende ou não os princípios das sociedades que buscam codificar o campo de estudo e os referenciais adequados a esses estudos. Há que revelar coações, conflitos e acordos consentidos ou não no interior da relação entre movimentos e a pretensão de sua codificação.

No Brasil pode-se datar o início do movimento a partir da “Independência” – vestir roupas de algodão é uma marca desses primeiros movimentos, antes de os românticos se dedicarem aos costumes impostos num corpo ideológico das artes literárias ou figurativas. Contudo, o movimento tem um momento significativo a partir do movimento modernista de que é símbolo a Semana de Arte Moderna. Manifestos Antropofágicos, Manifesto Pau Brasil, são indicadores de um novo momento, até alcançar plenitude no ano de 1947 com a fundação da Comissão Nacional de Folclore. A grande curiosidade é que a Comissão Nacional de Folclore é criada no interior do Ministério das Relações Exteriores. Vale perguntar, por que não no Ministério do Trabalho, por que não no Ministério da Educação e Saúde? Coisas de Brasil. Outra curiosidade, a coordenação do movimento surge no interior do aparelho de Estado. É o Estado que reúne a Sociedade Civil e não a sociedade civil que mostra sua face de reivindicação de uma política atenta ao saber viver do povo em uma nação.

Esta será a face ambígua das Comissões de Folclore. Perderam-se os esforços de Mário de Andrade e de Câmara Cascudo. O primeiro, pela ênfase ao Patrimônio Imaterial quando da fundação do atual IPHAN e o segundo, pelo empenho na criação de uma Sociedade Brasileira de Folclore.

É, portanto, nossa obrigação, como membros da Comissão Mineira de Folclore, a atenção constante para essas contradições. Curiosamente, a Comissão Mineira de Folclore que foi a primeira a atender à convocação de Renato Almeida, foi a que menos se agarrou às malhas burocráticas dos governos e a que menos atenção mereceu deles, salvo em momentos fugidios.

Na oportunidade de celebrarmos 69 anos, somos obrigados a manter esta memória e de resistir às codificações que comandam o que é estudar folclore e manter atenção constante para o saber viver e suas contradições. Em suma, atenção para todos os discursos ideológicos construídos com o objetivo de aprisionar o que é povo, o que é nação, o que são costumes em comum e hábitos populares. Devemos estar atentos a todos esses construtos impostos como realidade objetiva para favorecer o diálogo com as contradições que ensejam.

Como movimento da sociedade civil esta é nossa missão e não podemos nos esquecer de que, como coordenação de um movimento, jamais a organização burocrática poderá estar na contramão e em oposição ao que caracteriza o sentido do movimento, enquanto tal. Isto quer dizer que a força de qualquer movimento não obedece aos ditames das racionalidades burocráticas.

José Moreira de Souza

Agosto de 2017

É hora de RENOVAR

Preparação para celebrar a 51ª Semana Mineira de Folclore

Eleição da Nova Diretoria da Comissão Mineira de Folclore

Relatório Anual de Atividades

Introdução

Em primeiro lugar, devemos agradecer efusivamente ao doutor **Mauro Guimarães Werkema** a oferta mais que espontânea de nos reunirmos neste local para celebrar 69 anos de criação da Comissão Mineira de Folclore. Juntam-se neste gesto a generosidade da pessoa à marca emblemática do local: a Casa dos Jornalistas de Minas Gerais. A generosidade pelo apreço sempre manifestado aos esforços da Comissão Mineira de Folclore à nossa atenção e estudo do Saber Viver em Minas Gerais; e a marca emblemática por ser a Casa dos Jornalistas espaço sempre atento para os movimentos da Sociedade Civil, afirmação do jornalismo independente. Com efeito, é neste espaço que se reúne frequentemente o Fórum Permanente das Culturas Populares.

A consolidação das Comissões Estaduais de Folclore como coordenação dos movimentos da Sociedade Civil é mérito dos esforços do doutor **Bráulio Nascimento** – falecido no dia 26 de setembro de 2016.

A memória desse eminente coordenador nacional das Comissões de Folclore deve permanecer para lembrança em nossas ações.

A Comissão Mineira de Folclore deve a ele a constituição de nossa autonomia.

Com efeito, até o ano de 1976, todas as Comissões Estaduais de Folclore eram um movimento híbrido de reunião de estudiosos de folclore e dependente das intenções dos governos, nem sempre de boa vontade. Nesse ano, Minas Gerais foi escolhida para sediar a IV Festa Nacional de Folclore e, em meio às muitas visitas preparatórias, o doutor Bráulio sugeriu a elaboração de estatutos próprios a cada comissão, o que implicaria em cada uma ter personalidade jurídica independente da Campanha de Defesa do Folclore que se transformaria em Instituto Nacional de Folclore vinculado à FUNARTE. [Ata da reunião da Assembleia Geral da Comissão Mineira de Folclore realizada no dia 19 de fevereiro de 1976]

A proposta amadureceu lentamente e, em Reunião da Assembleia Geral realizada no dia 25 de outubro de 1980, o Estatuto e o Regimento da Comissão Mineira de Folclore foram discutidos e aprovados. No ano de 1981, a Comissão Mineira de Folclore estabeleceu sua autonomia ao registrar-se em cartório de pessoas jurídicas e exibir o cartão no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ. 21.854.484/0001-06, e foi reconhecida como de Utilidade Pública pelo governo de Minas Gerais no ano de 1983. Foi ainda por iniciativa de Bráulio Nascimento que as Comissões de Folclore elaboraram nova Carta Brasileira de Folclore no Congresso Nacional de Folclore realizado na Bahia no ano de 1995 e deram nova feição como Sociedade Civil à Comissão Nacional de Folclore ao aprovarem

novo Estatuto no Congresso realizado em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, em setembro do ano de 2000. Nessa oportunidade, Bráulio foi aclamado Presidente de Honra da Comissão Nacional de Folclore.

Atividades desenvolvidas

Ao longo do ano de 2016, a Comissão Mineira de Folclore se reuniu em quatro sessões ordinárias como determina o Estatuto e três extraordinárias.

Primeira Assembleia Ordinária da Comissão Mineira de Folclore – CMFL se realizou no dia 19 de fevereiro – data de aniversário de 68 anos, na Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Constatou-se a pauta: Apresentação, discussão e aprovação do Relatório Anual da Diretoria das atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2015; exame, discussão e aprovação do parecer do Conselho Fiscal relativo às contas da Comissão Mineira de Folclore no ano de 2015. Apresentação, discussão e aprovação do programa de atividades da Comissão Mineira de Folclore ao longo do ano de 2016. Apresentação, discussão e aprovação dos projetos encaminhados aos órgãos competentes – Ministério de Cultura, Secretaria de Estado de Cultura e Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Compromissos da Comissão Mineira de Folclore para com a prefeitura Municipal de Vespasiano, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Governo de Minas Gerais. Lançamento do Boletim Carranca edição 1-2016. Lançamento da *Revista Comissão Mineira de Folclore* Ano 39, nº28.

Segunda Reunião Ordinária realizada no dia 14 de maio de 2016 na sede provisória da Comissão Mineira de Folclore “Centro de Celebração de Minas” localizada no Centro Cultural Salgado Filho. Constatou-se a pauta: Relatório dos assuntos discutidos na 1ª e 2ª Reunião Extraordinária da Comissão Mineira de Folclore realizada no dia 15 de abril de 2016. Encaminhamento de assuntos pendentes na 1ª Reunião Extraordinária: Lançamento da obra de Maria José de Souza – Tita – *Reinado e Poder no Sul de Minas*. Constituição de comissão para divulgação do evento. Constituição de comissão preparatória para a realização da 50ª Semana Mineira de Folclore. Constituição de Comissão para edição da Revista Comissão Mineira de Folclore nº 29. – [Tema: Tipos Populares Urbanos.] Compromissos da Comissão Mineira de Folclore para com a prefeitura Municipal de Vespasiano, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Governo de Minas Gerais. Admissão de novos membros Escolha de um membro efetivo disposto a auxiliar os serviços de Secretaria da CMFL em apoio à secretária Juliana Correia Garcia. Apresentação de lista de novos membros efetivos para comporem o quadro da Comissão

Relatório Anual de Atividades

Mineira de Folclore: Perfil: 1.pessoas acostumadas a desenvolver projetos de captação de recursos dos editais de Cultura; 2. Estudiosos do meio acadêmico com credenciais para desenvolver projetos junto à CAPES, CNPq e Fapemig. Outros assuntos: sede fiscal da Comissão Mineira de Folclore. Espaço possível em Vespasiano para a CMFL construir – 6.000m2.

Terceira Reunião Ordinária realizada no dia 22 de agosto de 2016, no Teatro José Aparecido de Oliveira - Biblioteca Pública “Professor Luis de Bessa” cedido pelo Secretário de Estado de Cultura, Ângelo Oswaldo, com a seguinte pauta: Posse de novos membros da Comissão Mineira de Folclore. Lançamento Carranca edição 02_2016. Apresentação Revista Comissão Mineira de Folclore – 29. Anúncio: Prêmio Aires e Saul Martins . Intervenção Artística

Quarta Assembleia Ordinária da Comissão Mineira de Folclore realizada no dia 19 de novembro de 2015 na sede AFAGO – Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia, com a seguinte pauta: . Decorrências da Reunião Extraordinária da Assembleia Geral realizada no dia de setembro de 2016. Apreciação de Parecer do Consultor Jurídico da Comissão Mineira de Folclore. Agenda para lançamento do livro *Camilinho escola de vida* e demais obras de membros da Comissão Mineira de Folclore. Solicitação de Relatório individual dos membros da Comissão Mineira de Folclore no ano de 2016. Preparação do programa de celebração dos 69 anos de fundação da Comissão Mineira de Folclore – Data provável: 18 de fevereiro de 2017. Diretrizes para programação das atividades para o ano de 2017. Outros assuntos: Centenário de Saul Martins. Preparação para constituição de nova diretoria. Comunicações.

Reuniões Extraordinárias

Primeira Assembleia Extraordinária - 15 de abril de abril na sede da Afago. Pauta: Discussão da Pauta da Segunda Reunião Ordinária a se realizar no dia 14 de maio de dois mil e dezesseis, tendo como assunto principal o lançamento da obra de Maria José de Souza – Tita; intitulada: *Reinado e Poder no Sul de Minas*. Constituição de comissão para divulgação do evento. Participação da Comissão Mineira de Folclore no Fórum Técnico “Plano Mineiro de Cultura”. Agendar visita ao companheiro Carlos Felipe Horta com o objetivo de conhecer o seu acervo relacionado ao Folclore. Constituição de comissão preparatória para a realização da 50ª. Semana de Folclore. Constituição de comissão para edição da Revista Comissão Mineira de Folclore nº. 29. Compromissos da Comissão Mineira de Folclore para com a prefeitura Municipal de Vespasiano, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e Governo de Minas Gerais. Admissão de novos Membros. Escolha de um

membro efetivo disposto a auxiliar os serviços de secretaria da CMFL em apoio à secretária Juliana Correia Garcia.

Segunda Assembleia Extraordinária - 15 de abril de abril na sede da Afago. A Assembleia geral da Comissão Mineira de Folclore se reuniu no mesmo local e na mesma data da primeira reunião extraordinária para aprovar mudança de endereço fiscal tento em vista a necessidade de regularizar essas informações por orientação do consultor jurídico doutor Manoel Luiz Ferreira de Miranda. Redigida a ata, a mesma foi registrada no Cartório Jero Oliva e se procedeu à obtenção de Alvará junto à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Cumpre informar que o endereço fiscal da Comissão Mineira estava irregular desde o ano de 2000. E a dificuldade de regularizá-lo se devia ao fato de não se obter “habite-se” das sedes administrativas.

Terceira Reunião da Assembleia Geral da Comissão Mineira de Folclore realizada no dia 24 de setembro de 2016, na sede da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte com a seguinte pauta: avaliação da 50ª Semana Mineira de Folclore. Diretrizes de encaminhamento da proposta do senhor diretor do CAP CEMIG para o acervo do Museu de Folclore “Saul Martins”, onde se inclui a Biblioteca “Angélica de Rezende” e o acervo documental da Comissão Mineira de Folclore. Questões relativas ao serviço de Secretaria da Comissão Mineira de Folclore. Outros assuntos: Lançamento da Revista Comissão Mineira de Folclore, do livro “Camilinho: Escola de Vida” de Raimundo Nonato de Miranda Chaves e outras obras.

Outras atividades:

Dias 10, 18 e 24 fevereiro de 2016 - Reunião Fórum Técnico do Plano Mineiro de Cultura - Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais
Discussão do Regulamento do Fórum Técnico - Preparatório e acompanhamento dos Fóruns regionais.

28 fevereiro de 2016 – Publicação do Álbum “Tradição e Resistência” pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, através da Fundação Municipal de Cultura, em que se apresenta a exposição coordenada pela Comissão Mineira de Folclore no Centro de Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado”

08 de março de 2016 -Grande lançamento em Poços de Caldas MG do livro “Reinado e Poder” de Maria José de Souza - Tita - membro efetivo da comissão Mineira de Folclore. Na oportunidade, o presente da Comissão Mineira de Folclore foi convidado a comentar a importância

Relatório Anual de Atividades

desse estudo para a compreensão da celebração do saber viver em Minas Gerais.

10 de Março de 2016 - Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado” Encontro com técnicos da área da pesquisa e audiovisual - Mobilização para o desenvolvimento de projeto junto a CMFL.

19 de março de 2016 - Centro de Artes Populares CEMIG

Abertura da Exposição “Arte Popular no Médio São Francisco” e Lançamento do Dicionário de Religiosidade Popular de Frei Chico.

31 de março de 2016 - Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais

Reunião preparatória para o Fórum Técnico do Plano Mineiro de Cultura - Regulamento, conferencistas a serem convidados e temas a serem abordados

31 de março de 2016 - Reunião no Centro de Referência das Culturais Populares e Tradicionais “Lagoa do Nado”. Reunião com equipe da Lagoa do Nado e da Rede de Santa Luzia.

5 de abril - Grande teatro do Palácio das Artes

ARUANDA: uma noite para celebrar o Folclore no Brasil Grande teatro do Palácio das Artes em Belo Horizonte. Um mil e duzentas pessoas ocuparam todas as poltronas para assistirem e aplaudirem a celebração de 55 anos de fundação do Grupo Folclórico Aruanda - Registramos a presença de Kátia Cupertino - presidente da Comissão Mineira de Folclore de 2004 a 2007 -, Dadá Diniz – membro colaboradora da Comissão Mineira de Folclore – entre os dançantes que abrilhantaram a noite.

Representando nossa CMFL estiveram presentes: Domingos Diniz, presidente de Honra da Comissão Mineira de Folclore, Romeu Sabará da Silva e José Moreira de Souza. Do Rio de Janeiro, da Comissão Fluminense de Folclore, a presença de Affonso Furtado, fundador da Federação de Folias de Reis.

7 de abril - RELUZ – Rede Cultural de Santa Luzia-

Reunião geral de fundação da RELUZ no SESC São Benedito Participação da Rede Reluz Santa Luzia - integrante da rede dos povos do espinhaço. Na parte da tarde os membros da Rede se reuniram no espaço da ONG fundada pelos membros criadores da Reluz. Nessa oportunidade, José Moreira de Souza discorreu sobre esboço de estudo sobre “Saber Viver em Santa Luzia e suas condições” e exibiu as características e formação das

diferentes regiões. E destacou: “É um grande feito a criação de uma rede de cultura em um município metropolitano onde se confundem Patrimônio Histórico e diferentes momentos de expansão da metrópole. Basta enumerar as tensões do viver em Santa Luzia: uma área articulada pelo Mosteiro de Macaúbas surgido em 1714, o núcleo histórico da cidade de Santa Luzia, emancipada de Sabará em 1857, o deslocamento do Centro Histórico para a um novo centro na parte baixa com a chegada do trem de ferro no final do século XIX, as iniciativas de construção de Distritos Industriais nos anos 40 e 50 do século passado, a expansão das periferias de Belo Horizonte para a ampla região do São Benedito e, finalmente, a ocupação desordenada e desarticulada ao longo da BR 351 em direção a Caeté”.

Participação de Affonso Furtado da Comissão Fluminense de Folclore, Marco Llobus e José Moreira de Souza pela Comissão Mineira de Folclore.

27 de Abril de 2016 - CRCP Lagoa do Nado

Encontro com Ailton Krenak - preparatório para exposição MOITARÁ -- ação conjunta e em parceria com a Comissão Mineira de Folclore.

15 e 16 de abril - Encontro da ReLuz em Pinhões - Santa Luzia

Tomando Pinhões como centro cultural, a Comissão Mineira de Folclore destacou a articulação local com o Recolhimento de Macaúbas, os povoados de Engenho e Campo de Santo Antônio do município de Taquaraçu de Minas, o povoado de Taquaraçu de Baixo situado no limite com Jaboticatubas e o distrito de Ravena do município de Sabará, além da importância do Centro Histórico de Santa Luzia e de Lagoa Santa.

Chamou-se também atenção para os contrastes entre as políticas que definem Pinhões como Comunidade Quilombola e a realidade histórica do povoado.

Presença dos membros da Reluz, postulantes a membros efetivos da Comissão Mineira de Folclore, Marco Llobus e José Moreira de Souza

27 de abril de 2016 - Reuniões no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado”

Ailton Krenak - sobre exposição de arte indígena e cabocla; Marco Llobus, Ione Amaral e vereador de Vespasiano. Com membros do CETRO Com representante da Fundação Municipal de Cultura

Relatório Anual de Atividades

9 de maio de 2016 - Participação da Comissão Mineira de Folclore no Fórum Técnico Metropolitano do Plano Mineiro de Cultura - Santa Luzia MG.

Representaram a Comissão Mineira de Folclore os membros efetivos: Frei Francisco van der Poel, Frei Leonardo Lucas Pereira e José Moreira de Souza

7 de Junho - Pinhões, Santa Luzia – Casa de Marco e Valquíria
6º Festejo preparatório para a Festa do Rosário em Pinhões

08, 09 e 10 de junho de 2016 - Plenário da Assembleia Legislativa - Fórum Técnico do Plano Mineiro de Cultura, Discussão, votação e aprovação do Relatório e entrega à presidência da Assembleia Legislativa. Eleição pelos delegados das representações da Sociedade Civil para acompanhar o processo junto às reuniões do Plenário da Assembleia.

Comissão Mineira de Folclore foi escolhida com suplente nesta fase.

Representantes da Comissão Mineira de Folclore: Deolinda Alice dos Santos, Luís Santiago e José Moreira de Souza

11 de junho 2016 – Centro Cultural Salgado Filho

Luís Santiago apresenta e dedica à Comissão Mineira de Folclore sua última obra “Tempos de Diamantina” volume 5 da série “O Vale dos Boqueirões”.

09 de junho - CAP CEMIG

Abertura de Exposição “Brasilidade, Cultura Popular e Memória Nacional” A escultura: “bumba meu boi” do acervo da Comissão Mineira de Folclore “Museu Saul Martins” ocupou lugar de destaque. Representantes da Comissão Mineira de Folclore: Daniel de Lima Dantas, Frei Francisco van der Poel, Maria Madalena Diniz Bastos e José Moreira de Souza

26 de junho – FAFICH UFMG

Frei Chico participa de banca de apresentação de Monografia de Conclusão de Curso na FAFICH UFMG sobre Benzedeiros de Sabará e convida a professora doutora Leila a se tornar membro efetivo da Comissão Mineira de folclore

07 de Julho - Reunião no Porão do Carlos Felipe

Por solicitação de postulantes a novos membros da Comissão Mineira de Folclore e, em preparação para a 50ª Semana Mineira de Folclore, reuniram-se na residência do Jornalista e folclorista Carlos Felipe, Marco Llobus, Ione

Amaral, Mestre Linguinha – diretor do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado”-, juntamente com Carlos Farias e José Moreira de Souza. Nessa oportunidade os visitantes apreciaram o maior acervo de estudos do folclore de Minas Gerais e, em algumas áreas temáticas, o maior do Brasil, resultante de toda uma vida dedicada à documentação das atividades populares.

09 de Julho - Rua Estevão Pinto 211

Lançamento da obra ONEGRODOURIEUVIDELA de Edésio Fernandes e Manoel Teixeira - sobre um tipo popular de Belo Horizonte

Edésio Fernandes é consultor internacional para assuntos de Direito Urbanístico e milita na London School of Economics no Reino Unido. Manoel Teixeira é Arquiteto urbanista e professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Ambos pertenceram ao quadro técnico do PLAMBEL – Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A resenha dessa obra foi publicada no Boletim Carranca 02_2106 e comentada na *Revista Comissão Mineira de Folclore* edição 29 de 2016.

Membros da Comissão presentes: Elieth Amélia de Sousa e José Moreira de Souza

10 de Julho de 2016 –

Participação e registro do Festejo do Rosário da Região Cabana.

Na Cabana do Pai Tomás, são celebradas duas festas promovidas por associações de Nossa Senhora do Rosário. A primeira, em maio, coordenada por Dona Odete; a segunda no segundo domingo do mês de julho sob direção de José Francisco. Ambas exibem o poder de celebração da comunidade e favorecem a compreensão de como se pode promover a Paz Urbana sem apelo aos órgãos de repressão para garantir a segurança dos moradores. A Comissão Mineira de Folclore tem acompanhado a preparação e realização dessas festas como oportunidade para compreender o “Saber Viver e Suas Condições.”

Membros da Comissão presentes: Marco Llobus, Clara Selma e José Moreira de Souza.

14 de Julho de 2016 - Articulação Junto ao SEC MG - Ação para realização da 50ª Semana Mineira de Folclore e apoio a projetos futuros da Comissão.

Reunião com secretário adjunto da Cultura, João Miguel. A Comissão Mineira de Folclore teve oportunidade de ser recebida em salão do Museu Mineiro para conversa com o senhor secretário adjunto de Cultura de Minas Gerais sobre o apoio possível do Governo de Minas Gerais à realização da 50ª Semana Mineira de Folclore e outras atividades de nossa Comissão. Estiveram presentes, Antônio de Paiva

Relatório Anual de Atividades

Moura, do Conselho Fiscal, Marco Llobus, coordenador do projeto da 50ª Semana e José Moreira de Souza.

17 de julho – Câmara Municipal de Santa Luzia
Encontro da Reluz no centro urbano de Santa Luzia - Câmara Municipal
Todos os participantes da rede foram convidados a conhecer o saber viver no Centro Histórico.
Membros da Comissão presentes: Marco Llobus e José Moreira de Souza

13 a 28 de agosto de 2016 Programas da 50ª Semana Mineira de Folclore

Agosto - 50ª Semana Mineira de Folclore

- Entrevista a TV Horizontes - José Moreira de Souza
- Entrevista Rede Minas – Carlos Felipe
- Entrevista Rádio Inconfidência – Carlos Felipe

Programação

Data: 13/08/2016 -Sábado - **Abertura 50ª Semana do Folclore**

Local: Centro Cultural Salgado Filho - Horário: 9h00 as 12h30

Temática abordada - O Saber fazer a Festa

Data: 17/08/2016 - Quarta Feira

Local: Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado

Horário: 19h30 as 22h00

Temática abordada - Um Olhar das Festas Juninas

Data: 20/08/2016 - Sábado

Local: ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS -
Horário: 15h00 às 18h00

Lançamento de Publicação - 50ª Semana Mineira de Folclore

Apresentação e lançamento da obra *Reinado e Poder*

- Autora Maria José de Souza – Tita de Poços de Caldas

Data: 22/08/2016 - Segunda - **DIA MUNDIAL DO FOLCLORE**

Local: Auditório da Biblioteca Luiz de Bessa
- Horário: 19h30 às 22h00

SOLENIDADE - 50ª SEMANA MINEIRA DE FOLCLORE

Apresentação dos novos membros da CMFL - ao todo 11 pessoas

Data: 23/08/2016 - Terça

Local: IPHAN MG - Horário: 19h00 às 22h00
Temática - **Congado e os 70 anos de Pesquisa em Minas Gerais**

Data: 24/08/2016 - Quarta

IEPHA MG - Horário: 15h00 às 18h00

Temática - Folias e os 70 anos de Pesquisa em Minas Gerais

Data: 25/08/2016 - Quinta Feira

Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado

Horário: 19h30 as 22h00

Temática - Arte figurativa e a Poesia popular

- **Saraucizada Especial - 50ª Semana Mineira de Folclore**

Data: 26/08/2016 - Sexta Feira

Centro Cultural São Geraldo -

Horário: 19h30 às 22h00

- **II Encontro Nacional de Capoeira - Amec e a 50ª Semana Mineira de Folclore**

Temática do 1º dia - Opanijé, Capoeira, Mestres e Histórias

RELATÓRIO - ETAPA VESPASIANO - 50ª
Semana Mineira de Folclore

Coordenação Ione Amaral – membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

Relatório Anual de Atividades

Dia 24 de agosto Sala da ASPAVE - Ação social da Paróquia de Vespasiano - Horário 19:00 às 22:00

Tema: Identidade, Cultura de Redes e Políticas Públicas Possíveis

Lançamento da Rede Vespa Cultural [Rede Social]

Dia 25 de agosto

Câmara Municipal de Vespasiano

Horário: 18:30 às 22:30

Cerimônia Comemorativa da 50ª Semana Mineira de Folclore

Cerimônia de Doação de peças para o Acervo da CMFL

Ação Integrada com as manifestações de tradição do município

Auditório da Câmara Municipal de Vespasiano e Praça JK

Museu de Folclore Saul Martins

07 de setembro 2016

Congramento: CMFL, Afago, Gustavo da Silveira, Pinhões e Paraopeba

Encontro membros da Comissão Mineira de Folclore, da AFAGO, de Paraopeba e Curvelo em Festejo preparatório para a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões - Santa Luzia como parte da 50ª Semana Mineira de Folclore

15 de Setembro de 2016 - Encontro com representações das manifestações para redação de carta aos candidatos a prefeitura de Belo Horizonte, sobre suas propostas para setor da cultura popular de tradição.

12 a 16 de Outubro de 2016 – Conceição do Mato Dentro, distrito de Tabuleiro

Participação do II Encontro dos Povos do Espinhaço - Tabuleiro, Conceição do Mato Dentro MG.

12 de Novembro de 2016 - Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado

Participação da Roda de Conversa projeto Chora N'goma.

27 de novembro – Centro Juvenil Dom Bosco bairro Madre Gertrudes

Lançamento de filme sobre a Cabana do Pai Tomás

13 de dezembro Celebração do Segundo Aniversário do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado”

Projetos elaborados para obter recursos junto ao Fundo Municipal de Cultura

Em diversas oportunidades foram elaborados projetos para obter recursos do Fundo Municipal de Cultura. O primeiro deles com o objetivo de publicar obras de relevância histórica dos membros da Comissão Mineira de Folclore não alcançou aprovação. Outro projeto visava a fixar uma contribuição à política de cultura no município também não mereceu aprovação.

Projetos elaborados para obter recursos junto ao Fundo Estadual de Cultura

Após inúmeras inscrições de projetos para obtenção de recursos do Fundo Estadual de Cultura, [o do ano de 2015 tinha como objetivo renovar o recusado em 2012 “ Base Infraestrutural - Comissão Mineira do Folclore 2015] finalmente, encontra-se em vias de implantação o projeto “Pesquisa - Movimento dos folcloristas em Minas Gerais”

Pesquisa histórica – Percorrer os 70 anos da Comissão Mineira de Folclore.

Pesquisa para coleta e organização de dados sobre as obras e ações de personalidades que se articulam ao movimento dos folcloristas no estado de Minas Gerais. Movimento que desencadeou inúmeros processos que culminaram na implantação de programas e instituições governamentais na proteção do patrimônio imaterial Brasileiro e Mineiro.

Esta ação terá como marco a análise de conteúdo que remontam do século XIX até atualidade. Perpassando por entre vários temas transversais no atributo da busca e entendimento do saber viver e suas condições. Práticas e significâncias dos saberes populares.

Dentro dessa compreensão e comoção buscaremos tecer o mapa de identificação de tais agentes, suas pesquisas e articulações em defesa de nossa diversidade cultural.

O resultado desta pesquisa e sua compilação será base para a publicação futura de um catálogo / almanaque e posteriormente, roteiro para um documentário ou série televisiva.

Relatório Anual de Atividades

Os resultados serão entregues às autarquias estaduais de cultura, cópias em DVD do resultado desta pesquisa e compilação.

O Estado de Minas Gerais torna-se componente da Federação a partir da Proclamação da República e explicita seu aparato normativo com a Constituição Estadual e o que se chama atualmente Leis Orgânicas Municipais. No interior da consolidação desse estado, como nos demais, surgem movimentos da sociedade civil que se complementam com o aparato normativo do Estado pleiteando políticas públicas omitidas ou pouco regularizadas ou mal lembradas no arcabouço da Administração Pública. O projeto chama atenção para os movimentos que favorecem a compreensão das lacunas e fragilidades das políticas do que é hoje chamado de Cultura. Enfatiza-se nesse processo, da parte do aparato do Estado, a criação do Arquivo Público Mineiro com a Revista Arquivo Público Mineiro e, da parte da Sociedade Civil, os movimentos que ensejam a constituição do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais - 1907 - da Academia Mineira de Letras - 1909 - e da Comissão Mineira de Folclore - 1948. Em meio a isto, atenta-se para o movimento modernista em Minas e a resposta do Estado na consolidação do Instituto do Patrimônio Histórico de Minas Gerais.

O movimento dos folcloristas de Minas Gerais antecede há muitos anos à consolidação da coordenação desse movimento dada no ano de 1948. As sendas para acompanhar a duração desse movimento pode ser encontrada em publicações da Revista do Arquivo Público Mineiro, em jornais de circulação estadual, como o Minas Gerais, em periódicos locais e regionais bem como nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e na Academia Mineira de Letras. Neste projeto, o foco principal é acompanhar a produção dos membros fundadores da Comissão Mineira de Folclore e os membros efetivos que aderiram a esse sodalício após sua fundação. Lembre-se que os membros fundadores em número expressivo já pertenciam a algumas das instituições enumeradas IHGMG ou AML. A celebração dos 70 anos de fundação da Comissão Mineira de Folclore é oportunidade para trazer à luz esse longo percurso.

Este projeto é de altíssima relevância tendo em vista que a Comissão Mineira de Folclore busca desde o ano de 1983 consolidar o Centro de Informações Folclóricas o qual, por acidentes de percurso se perdeu na maior parte. A partir da criação do site www.folcloreminas.com.br novos esforços têm sido desenvolvidos com empenho de membros da Comissão Mineira, oportunidade em que se depararam lacunas a serem preenchidas. Acrescente-se que este proje-

to é parte da consolidação do Sistema de Informações da Comissão Mineira de Folclore e se articula com o programa do sistema operacional dessa instituição: “O Saber Viver em Minas Gerais e suas Condições”. O programa tem como meta a consolidação indexada de todos os estudos desenvolvidos pelos membros da Comissão Mineira de Folclore explicitando o diálogo com outros centros de estudos com o objetivo de explicitar bases de acordos e discordâncias.

Projetos elaborados para obter recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura

No ano anterior, 2015, foi aprovado um projeto, o qual não foi implantado devido ao fato de a Comissão Mineira de Folclore não ter podido comprovar Alvará de Localização.

No ano de 2016 foi elaborado novo projeto com vistas à realização da 50ª Semana Mineira de Folclore. O projeto foi aprovado, mas ainda aguarda resultado de parecer de recurso impetrado, tendo em vista problemas burocráticos de entendimento de datas de cumprimento das rotinas.

Projetos elaborados para obter recursos da Lei Estadual de Incentivo à Cultura

No ano de 2016 foi encaminhado projeto para viabilizar recursos para realização do XVII Congresso Brasileiro de Folclore.

Como foi comentado no Relatório de 2015, o projeto encaminhado para obter recursos junto Lei Federal de Incentivo à Cultura, embora aprovado, foi incluído em rubrica que impossibilitava a captação. Foi imposto recurso sem resposta até a data do presente Relatório.

O projeto elaborado para a Lei de Incentivo Estadual de Cultura tornou-se inviável devido ao fato de se exigir anuência de empresa que garantisse antecipadamente disponibilidade de captação.

Atualização dos registros do Museu de Folclore Saul Martins

O Museu de Folclore Saul Martins, juntamente com a biblioteca e o acervo documental da Comissão Mineira de Folclore foram acolhidos pela Prefeitura Municipal de Vespasiano através de convênio firmado no ano de 1991. Ao longo desse tempo, foram incorporadas novas peças, obras e documentos. A prefeitura promoveu a catalogação das peças do museu e das obras da biblioteca e abandonou os registros dos catálogos componentes dos acervos. Além disso, quando da inauguração do Centro de Artes Populares, no dia 19 de março do ano de 2012, a Secretaria de

Relatório Anual de Atividades

Estado de Cultura, sem consultar a proprietária legítima do acervo, retirou do Museu inúmeras peças que passaram a ser expostas no CAP situado na Rua Gonçalves Dias, em Belo Horizonte. Era urgente regularizar essa situação.

Por iniciativa da folclorista Ione Amaral promoveu-se o início da atualização dos registros do Museu de Folclore Saul Martins, da Biblioteca Angélica de Rezende e do Acervo documental da Comissão Mineira de Folclore.

Participaram dessas atividades os folcloristas Ione Amaral, Antônio de Paiva Moura, Clara Selma, Daniel de Lima, Elieth Amélia de Sousa, Marco Llobus e José Moreira de Souza.

Atualmente, resta promover a atualização da catalogação de tal maneira que se possa indexar o catálogo original com os novos registros realizados por responsabilidade da prefeitura, registrar as peças deterioradas ou perdidas, bem como regularizar o empréstimo ao CAP sem anuência da Comissão Mineira de Folclore.

Como um dos resultados dessa primeira etapa de atualização, a Comissão Mineira de Folclore iniciou a retirada do acervo documental, recolhendo livros de atas, e demais correspondências para a sede provisória no Centro Cultural Salgado Filho. Visando a desonerar a Prefeitura Municipal de Vespasiano desse ônus. Entende que o espaço do museu é uma grande contribuição à cidade, não tendo sentido, manter o acervo documental que, em dado momento, não tinha como ser guardado e preservado. Quanto à Biblioteca Angélica de Resende, pretende-se manter no espaço do museu apenas as obras de uso para consultantes, uma vez que se constatou a presença de obras raras merecedoras de cuidado direto da Comissão Mineira.

Catalogação e atualização do acervo da CMFL no Centro Cultural Salgado Filho

Por iniciativa da folclorista Elieth Amélia de Sousa e com ajuda de Adélia Anis Raies de Souza iniciaram-se, no mês de outubro o levantamento e registro de documentos e obras presentes no Centro de Celebração de Minas – sede provisória da Comissão Mineira de Folclore em sala da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte – Centro Cultural Salgado Filho.

Publicações da Comissão Mineira de Folclore

A Comissão Mineira de Folclore manteve regularmente a publicação das edições do Boletim “Carranca”, circulação trimestral e da *Revista Comissão Mineira de Folclore*, edição anual.

Além disso, atualiza sistematicamente o sítio WWW.folcloreminas.com.br e mantém duas páginas no face book para manter conversa com os interessados.

Tanto a publicação do Carranca, da Revista e a manutenção do sítio e das páginas do face book não oneram a planilha da Comissão Mineira de Folclore. São mantidas por atividades voluntárias do tesoureiro, doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves – sítio WWW.folcloreminas.com.br – e por doação de outros membros no caso de custos de diagramação e impressão dos boletins e da revista.

Comissão Mineira: Homenagens

A Comissão Mineira de Folclore foi homenageada ao longo de 2016 em inúmeras oportunidades.

Pela **Academia de Letras Guimarães Rosa da Polícia Militar de Minas Gerais** com a Medalha Saul Alves Martins concedida aos membros Romeu Sabará da Silva e Ros’elles Guimarães Felício. Impossibilitada de comparecer, Ros’elles será condecorada na sessão solene do dia 20 de fevereiro de 2017 pelo Coronel professor João Bosco de Castro, presidente daquele sodalício.

Pelo Governo do Estado de Minas Gerais, juntamente com Affonso Furtado, membro da Comissão Fluminense de Folclore e fundador da Federação Nacional de Folias de Reis. A homenagem à pessoa de Affonso Furtado é mais do que justa pelos relevantes serviços prestados em favor do reconhecimento da importância das folias de reis no Brasil. Quanto à pessoa de José Moreira de Souza, somente tem sentido por presidir eventualmente a Comissão Mineira de Folclore. Nesse sentido, os méritos devem ser creditados a todos os que vêm se esmerando nos estudos para compreensão das folias em Minas Gerais: Antônio de Oliveira Mello, em Paracatu e Patos de Minas. Antônio de Paiva Moura, Antônio Henrique Weitzel, Carlos Felipe Mello Marques Horta, Domingos Diniz, Dêniston Diamantino, Frei Leonardo Lucas Pereira, Frei Francisco van der Poel, Kátia Cupertino, Maria Madalena Diniz Bastos, Edileila Portes, Ulisses Passarelli, Sebastião Rocha, Carlos Augusto de Farias, Deolinda /Alice dos Santos, Daniel de Lima Magalhães, Luiz Fernando Vieira Trópia, Luís Santiago, Maria José de Souza – Tita -, Raimundo Nonato de Miranda Chaves, Edméia da Conceição de Faria, Míriam Stella Blomski, Mercês Ambrósio, Maria Agripina Neves, Danielle de Freitas, Ione Amaral, Teo Azevedo, Rubinho do Vale.

É também desse modo que se deve interpretar o Certificado conferido ao presidente da Comissão Mineira de Folclore na oportunidade de celebração do segundo aniversário do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado. É a Comissão Mineira de Folclore merecedora dessas e de todas as homenagens devidas. Afinal, são quase setenta anos de atenção e estudo do Saber Viver em Minas Gerais. Méritos de Aires da Mata Macha-

Relatório Anual de Atividades

do Filho, João Dornas Filho, Manoel Ambrósio Júnior, Antônio Joaquim de Almeida, Henriqueta Lisboa, Edelweiss Teixeira, Nelson de Senna, Flausino do Valle, João Camilo de Oliveira Torres, Saul Martins e todos que nos antecederam e com quem aprendemos a compreender a relação entre povo, nação e costumes.

Doações de obras ao acervo da Comissão Mineira de Folclore:

1. Carlos Felipe - obras para compor o acervo da Comissão Mineira de Folclore
2. Miriam Stella Blomski - obras para compor o acervo da Comissão Mineira de Folclore
3. Alice Inês de Oliveira Silva - acervo para compor este da Comissão Mineira de Folclore

Doações de obras angariar recursos para a Comissão Mineira de Folclore:

1. 50 exemplares de Reinado e Poder - Maria José de Souza - Tita
2. 400 exemplares das obras *Mineração pecuária e agricultura no Noroeste de Minas (200)* e *As origens sociológicas do Alto Paranaíba (200)* - Antônio de Oliveira Mello
3. Dicionário da Religiosidade Popular - Frei Chico - 3 exemplares

A Comissão ainda não absorveu conhecimentos suficientes para chegar até os leitores que, além de contribuir para a disseminação dos conhecimentos resultantes de estudos espontâneos do Saber Viver em Minas Gerais, possam também doar recursos que garantam a continuidade de suas publicações.

O acervo de Revistas disponíveis para aquisição e leitura tem crescido desde o ano de 2004 e não tem obtido procura. Todo esse acervo está também disponível em meio digital para aquisição gratuita no endereço WWW.folcloreminas.com.br.

Em 2012, para constituir fundos para a manutenção da Comissão Mineira de Folclore foram produzidos 500 exemplares da obra *A Sombra do Andarilho: o folclore e suas charadas*. Foram adquiridos, no instante do lançamento, algo como 28 exemplares. Posteriormente, por empenho da secretária Elieth Amélia de Sousa, foram “vendidos” mais 22. Em livrarias do Campus da UFMG foram colocados ainda 28 exemplares. Não temos prestação de contas de nenhuma venda. Um exemplar foi adquirido na livraria da Faculdade de Educação e, parece, que quatro outros o foram na FAFICH. Não retornou um único centavo para o caixa combatido da Comissão Mineira de Folclore. Esse ensaio, juntamente com inúmeros outros, mostra haver um “erro de

mercado” embutido no título e no autor. Quanto ao título, há conflito entre o que anuncia e o conteúdo da obra; já quanto ao autor, o nome não é atraente para o meio acadêmico onde parece ser desconhecido. Para este caso, seria suficiente avaliar se uma de suas obras é em algum momento lembrada no meio universitário na UFMG.

Posteriormente, na Semana de Folclore, do ano de 2013, reservou-se o lançamento da *Revista Comissão Mineira de Folclore* na sala da Congregação da FAFICH. Acreditava-se que haveria público interessado em adquirir o exemplar dessa edição. Engano. Concluiu o editor que mais do que fundos, a Comissão Mineira de Folclore necessitava de leitores e distribuiu graciosamente um exemplar para os professores do curso de Ciências Sociais e fez o mesmo para todas os membros da Comissão Mineira e das Comissões Estaduais de Folclore sem retorno de comentários significativos.

Porém, em duas oportunidades os resultados indicaram aplausos ao foco de nossas publicações. A edição da *Revista* nº 26 recebeu indicações de leitura do blog da *Folha de São Paulo* para leitores de todo o Brasil a partir da atenção a um artigo de nosso companheiro Luís Santiago. É claro que o autor abria sendas para estudos relevantes e, em sequência, sua dissertação de mestrado mereceu o prêmio maior Sílvio Romero.

No mesmo ano, a *Revista* nº 27, dedicada à celebração dos 300 anos de fundação do Recolhimento de Macaúbas mereceu comentários e aplausos de nosso membro, jornalista Carlos Felipe e os 90 exemplares doados para venda pelo Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas se esgotaram quase que imediatamente. Além disso, tivemos notícia de que houve muitas consultas a essa publicação pelo sítio da Comissão na internet.

Moral da história: temos muito que aprender.

Revista Comissão Mineira de Folclore: Edições 30 e 31

Neste ano de 2016, já se pensou no lançamento de duas edições de nossa Revista. A primeira – edição nº 30 – será no dia 22 de agosto na sessão solene de eleição e posse da nova diretoria para o triênio 2017 – 2020. O tema sugerido é: **Quanto vale o espetáculo?**

Explora-se nessa prometida edição a relação entre técnicas de venda, estratégias de marketing e a categoria conhecida como “**Contos do Vigário**”.

A título de chamada relata-se o caso:

No ano de 1963, o atual presidente da Comissão Mineira de Folclore aportou em Belo Horizonte sem eira nem beira e em busca de meios de subsistência. No dia imediato à chegada ouviu um anúncio no rádio – era a Rádio Minas de propriedade de Ramos de Carvalho, grande jornalista com passagem por emissoras do Reino Unido e trazido para o Brasil pelo governador Juscelino Kubitschek para

Relatório Anual de Atividades

dirigir a Rádio Inconfidência. Com tamanho conhecimento dos modernos meios de comunicação, Ramos de Carvalho – assim se conta – modernizou os transmissores da Rádio Inconfidência o que lhe garantiu oportunidade para instalar duas novas emissoras com os detritos da antiga estação: a Rádio Minas e a Rádio Pampulha.

Pois bem, o anúncio da Rádio Minas convocava:

- Corretores de Publicidade. Precisamos de Corretores de Publicidade. Procure-nos e garanta seu futuro. Rua Rio de Janeiro 630, edifício Capixaba, 12º andar.

O capiau, Zé Moreira, não hesitou. Correu ao endereço. Foi recebido gentilmente pelo Diretor de Publicidade, jornalista Darci da Silva e imediatamente contratado. Ao longo de seis meses, perambulou pelo centro de Belo Horizonte e obteve contrato para dois anúncios de um único e mesmo anunciante. Teria garantida comissão de 30% pelo feito. Jamais recebeu a tão sonhada comissão.

Em meio à maior penúria, Zé Moreira soube de outra oportunidade do mercado. Tratava-se de divulgação de “Cultura”. Grande editora tinha como foco a venda de coleção com o nome de *Titãs da Humanidade* editada em 10 grossos volumes e *Nosso Universo Maravilhoso* publicada em 4 volumes se não falha a memória. Essas obras competiam com coleções clássicas como *Tesouro da Juventude* presentes no mercado desde a segunda década do século XX e encontrada nas bibliotecas das melhores escolas. – Zé Moreira já as conhecia desde os anos do Grupo Escolar Aurélio Pires de sua cidade, Gouveia – MG.

O mais encantador das coleções da El Atheneu – nome da empresa – eram as estratégias de marketing. Primeiro passo, os gerentes de vendas procuravam as melhores escolas da cidade e pediam à direção a oportunidade de realizar um concurso de redação literária entre os alunos das séries ginasiais. Em seguida, liam e premiavam dois primeiros colocados em cada escola. Para tal, o faziam em sessão solene na qual a editora doava uma coleção para a biblioteca da escola e uma coleção dos *Titãs* para o primeiro colocado e a do *Nosso Universo* para o segundo classificado como melhor redator.

Feito esse gesto generoso, a editora ficava de posse de todas as redações dos alunos da escola com os respectivos endereços – no caso vivido -, alunas do Instituto de Educação do Estado de Minas Gerais e alunas e alunos do Colégio Anchieta de Belo Horizonte.

Nessa oportunidade, a gerência de vendas com sede nacional na cidade do Rio de Janeiro, selecionava estudantes com formação adequada para receberem um lote de visitas às famílias. O treinamento consistia em técnicas de leitura, apreciação, abordagem dos pais, oferta das obras a serem vendidas, negociação da forma de pagamento e preenchimento do pedido.

Assim, se recomendava: após as saudações protocolares, abrir a pasta, retirar a “composição” do aluno ou da aluna residente e na presença dos pais e do ou da jovem ler com entonação devida o texto, sublinhando o que merecesse destaque. Tecer largos elogios aos pais e à ou ao jovem pelo desempenho escolar. Em seguida, elogiar ao máximo o empenho dos pais pelo zelo na educação dos filhos. Vencida esta etapa, sugerir humildemente a contribuição da editora para o melhor aproveitamento dos filhos. Com todo cuidado exibir um folder sobre a obra *Titãs* até convencer os pais. Um dos exemplos dado no treinamento para garantir a compra era comparar o preço de um maço de cigarro consumido diariamente com a valor da prestação. Curiosidade, a técnica funcionou maravilhosamente em visitas do Zé aos bairros Cachoeirinha, Renascença e Santa Efigênia. Porém, nos bairros Funcionários e Serra, além da desconfiança, - um pai quase escorraçou o pobre Zé – o apelo não fazia o menor sentido. O vendedor nesses bairros “nobres” obteve sucesso em uma venda na qual já bastante constrangido afirmou: “Eu sei do empenho desta família pela educação dos filhos. Vim para lhes mostrar a obra de uma editora, mas isso é desnecessário. Já se vê pela sua biblioteca.” Para espanto do pobre Zé o pai, orgulhoso insistiu que o material de propaganda fosse mostrado e o pedido de compra preenchido.

A *Revista* nº 31 deverá ser lançada na quarta reunião ordinária da assembleia geral da Comissão Mineira de Folclore com o tema **Saul Alves Martins: 100 anos**.

Até o momento, pensa-se que o Coronel João Bosco de Castro coordene artigos que versem sobre a trajetória militar do coronel Saul Martins. Romeu Sabará da Silva, da trajetória acadêmica e familiar do professor Saul Martins e José Moreira de Souza, do folclorista Saul Martins. Espera-se que cada membro da Comissão, familiares e admiradores de Saul possam apresentar artigos sobre esse membro fundador da Comissão Mineira de Folclore.

Imersão

Na reunião da Assembleia geral realizada no dia 24 de novembro, a folclorista Ione Amaral, seguida dos novos membros empossados, sugeriu o primeiro encontro desses membros ao longo de um fim de semana no povoado de Pinhões – Santa Luzia – com o objetivo de todos conhecerem as ações da Comissão Mineira de Folclore e saberem como contribuir para o desenvolvimento das ações pactuadas. Previa-se encontro com os “antigos e os novos” e propunha-se a realização nos dias 19 e 20 de dezembro.

Dificuldades impediram o cumprimento da data e o primeiro encontro se realizou nos dias 21 e 22 de janeiro de 2017. Compareceram representando os “antigos”, Frei Chico e José Moreira de Souza; dos novos estiveram presentes: Ione Amaral, Marco Llobus, Clara Selma, Ricardo

Relatório Anual de Atividades

Evangelista, Daniel Porto, Lisiane Mello, Ana Paula Lacerda e Gibran Muller.

Foi dada às reuniões que se pretendem periódicas o nome de Imersão. O programa constou de apresentação das ações da Comissão Mineira de Folclore nos últimos anos, narrativa de um pouco de sua história, realizações, fracassos e esperanças. Em seguida, desenvolveram-se conversas sobre a contribuição que cada membro pode oferecer à Comissão e quais ações seriam prioritárias para fixar um programa consistente no ano de 2017, a preparação dos 70 anos da Comissão em 2018.

Quanto ao ano de 2017, mereceram atenção: eleição da nova diretoria para cumprir o período de 2017 até o ano de 2020. Preparação para realização da 51ª Semana Mineira de Folclore no mês de agosto. Celebração do Centenário de Saul Martins, oportunidade em que se lembraria também a importância da pessoa de Aires da Mata Machado Filho como fundador da Comissão Mineira de Folclore. Regularização da Edições Carranca da Comissão Mineira de Folclore, e núcleos temáticos para as edições das próximas revistas. Sobre os núcleos temáticos ficou acordado que a edição de número 30 enfocaria casos e estudos relacionados aos “Contos do Vigário” e solicitou-se desde já que cada um relatasse situações vividas pessoalmente ou com pessoas de relações próximas que foram personagens em contos do vigário. Lembrou-se que esse gênero merece ser estudado como um dos componentes do teatro popular onde o público se torna ator coadjuvante. Acordou-se também que neste ano seria lançada a edição 31 da Revista – edição especial – em homenagem a Saul Martins.

Finalmente sugeriu-se a próxima reunião de “imersão” no mês de março no povoado de Lapinha, município de Lagoa Santa.

E o XVII Congresso Brasileiro de Folclore?

A maior pedra no sapato da Comissão Mineira foi ter aceito – com muitos reparos dos membros na assembleia geral – promover o XVII Congresso Brasileiro de Folclore em Belo Horizonte. Com efeito, pelo que se pode constatar no presente relatório, a Comissão pode realizar feitos de valor sem nenhum aporte monetário. Porém, nenhum congresso se realiza sem recursos monetários. Seria obrigação de uma política consequente de Cultura definir em planilha de orçamento recursos para os Congressos Brasileiros de Folclore cuja série se inicia no ano de 1951 antecedida pelas Semanas Nacionais de Folclore desde o ano de 1949.

Um exame de consciência mostra que todos nós falhamos como movimento. Congressos Brasileiros de Folclore deveriam constar da pauta dos Planos Nacionais de Cultura, do mesmo modo que Semanas Estaduais de Folclore de-

veriam constar das leis orçamentárias das Secretarias de Cultura de cada Estado.

No momento em que se determinam registros de Bens Imateriais há que lutar para que o movimento dos folcloristas materializado nas Comissões de Folclore seja registrado como o mais importante bem imaterial da nação e dos estados brasileiros. Esperar sensibilidade do Mercado para financiar encontros de folcloristas é puro absurdo. Esse absurdo mostra a face monstruosa exatamente no momento em que folclore não agrega qualquer valor às mercadorias que devem descer goela abaixo do consumidor, a não ser colocando na berlinda o gênero dos vigaristas.

Eleição da Diretoria período 2017 – 2020

O ano de 2017 é de mobilização pela eleição de nova diretoria da Comissão Mineira de Folclore.

Há que se ter em mente as mudanças do cenário econômico e político. Quando Aires da Mata Machado Filho assumiu a presidência da Comissão Mineira de Folclore todos os convidados que formaram a primeira leva encontravam-se em postos de trabalho que garantiam a subsistência digna e poderiam empregar parte do tempo ao estudo e atenção sem contrariar as instituições a que serviam. O melhor exemplo é o dos músicos e professores do Conservatório Mineiro de Música; a atenção para o folclore oferece oportunidade também para Antônio Joaquim de Almeida criar a seção de artes populares no Museu do Ouro em Sabará e até o coronel Saul Martins sem contrariar os objetivos da polícia militar conseguiu treinar seus ajudantes de ordem a ter maior atenção para o povo acompanhando-o para o registro de pesquisas sobre o artesanato em Minas Gerais. Os tempos são outros. Com políticas de cultura, leis e fundos de incentivo à cultura as diretorias precisam acompanhar diariamente editais e programas para obtenção de recurso. Desenvolver energias que se perdem para gastá-las no que merece o nome de “indústria dos concursos, pregões de licitação e concorrência”.

Isto significa que a Comissão vive novos tempos, nova realidade comandada pela “Dominação Racional Legal”, a famosa “modernidade líquida”. A palavra de ordem para nossa Comissão, hoje, é coesão como valor principal. Ora, isto está na contramão de uma sociedade do “Eu Comigo S/A”, onde o valor maior é competição. “Minha razão é maior do que qualquer outra razão!”

Cumpra fixar que Diretoria - presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, conselho fiscal – são cargos burocráticos. Existem para cumprir determinações da relação necessária dos membros do movimento com o mundo externo. Mas Diretoria é necessária e necessita do apoio de todos para o bem de todos. Tudo isto está exatamente na contramão da nossa modernidade líquida. Mas, se queremos continuar um movimento, esta consciência deve permanecer.

Relatório Anual de Atividades

Há que lembrar ainda que esta modernidade decreta o fim das permanências. Panta Rei!!! Até as boas ideias e os ótimos ideais correm e se jogam nos ordálios da vida. Não se diferenciam coliformes fecais nas misturas dos líquidos. Tudo são coliformes.

Que fique o desafio, vamos formar chapas conscientes dessa realidade e nos preparar para garantir a continuidade de nossa Comissão Mineira de Folclore.

Mas atenção.

A realidade crua das normas prescreve:

Regimento

Agradecimentos mais do que necessários

AFAGO

A Comissão Mineira de Folclore registra em sua história momentos em que é socorrida em instantes que os governos do Estado desconhece o que é o Povo que vive em Minas Gerais e a história do movimento que cuida de escutar e estudar o saber desse povo.

Assim foi no final dos anos da década de 1980, oportunidade em que todo o acervo da Comissão se encontrava prestes a ser colocado no meio da rua. Nessa oportunidade, a Prefeitura Municipal de Vespasiano administrada pelo prefeito Carlos Moura Murta prontamente acolheu todo o acervo da Comissão Mineira – Museu de Folclore “Saul Martins”, Biblioteca “Angélica de Resende” e acervo documental - e lhe deu espaço condigno através de convênio celebrado no dia 1 de março de 1991.

A Comissão parecia viver anos de calma por iniciativa do Secretário de Estado Ângelo Oswaldo que regulamentou o Centro de Tradições Mineiras e criou espaço adequado para abrigo dos pertences aos quais se agregaram a Biblioteca “Orville Colombo di Conti” e eis que, no dia 25 de agosto do ano de 2011, a Diretoria da Comissão foi convocada para assistir a novo despejo com a desativação do Centro de Tradições Mineiras. Justificava-se a desativação com a mudança dos estabelecimentos do Governo para a pós-moderníssima Cidade Administrativa do Estado de Minas Gerais.

Desânimo geral. Eis senão quando, em reunião da Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia, o presidente dessa entidade se oferece para dar todo apoio necessário à regularização da Comissão Mineira de Folclore. Espaço para guarda dos pertences – não foi necessário -, assessoria jurídica e contábil e chaves da sala da sede da Afago para encontros e reuniões em dia e hora sem aviso prévio nem registros burocráticos. Nome do presidente da Afago? Professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves. Nome do consultor jurídico e contábil? Doutor Manoel Luís Ferreira de Miranda.

Artigo 10º

Somente os membros fundadores e efetivos têm direito e voz e voto nas assembleias e reuniões desde que estejam quites com suas contribuições.

Artigo 11º

Os membros fundadores, efetivos e honorários pagarão uma anuidade a ser estipulada pela Diretoria e submetida à Assembleia Geral.

Este compromisso prosseguiu pelas diretorias seguintes, hoje, sob coordenação do Doutor Adilson do Nascimento. Todos os membros da Afago prestigiaram a Comissão Mineira de Folclore. Raimundo Nonato, muito antes de se tornar membro efetivo da Comissão Mineira, criou no endereço WWW.afago.org.br uma link permanente para abrigar sessões básicas de informações sobre atividades da Comissão Mineira.

Ficou evidente, portanto, que um movimento da sociedade civil preocupado com os moradores da Região Metropolitana com origem em Gouveia sentiu-se na obrigação moral de apoiar um movimento maior preocupado com o Saber Viver em Minas Gerais e suas condições. Desse apoio e socorro brotou na Comissão Mineira de Folclore a consciência de que Belo Horizonte é a cidade síntese de Minas. Nela vivem e residem imigrantes do Norte de Minas, do Rio Doce e do Mucuri, da Zona da Mata e do Triângulo, do Jequitinhonha e do Sul de Minas, do Campo das Vertentes e do Noroeste. Enfim, Belo Horizonte pode ser uma Babel ou um Pentecostes conforme a maior ou menor atenção dos governos ao saber viver em Minas Gerais.

No momento atual, é a Afago que necessita do apoio da Comissão e da atenção de políticas de cultura. Após concluir dez anos de sua fundação tem perdido energia. É nosso dever voltar nossa atenção para a Afago.

Mauro Werkema

Já foi mencionado o nome do jornalista Mauro Werkema neste relatório. Merece mais um parágrafo de agradecimento.

No dia 19 de março de 2012, a Comissão Mineira de Folclore em atenção ao convite da senhora Secretária de Estado de Cultura, membros da Comissão Mineira de Folclore compareceram à inauguração solene do Centro de Artes Populares – que depois se chamou CAP Cemig. Ali, somente se encontravam pessoas ilustres, para contemplar a “arte popular”... Eis entre os mais ilustres, o jornalista Mauro Werkema. Informado da condição em que se encontrava a Comissão

Relatório Anual de Atividades

Mineira de Folclore, pôs-se a trabalho e obteve do senhor prefeito municipal, Márcio Lacerda a determinação para que no ano seguinte a Fundação Municipal de Cultura desse apoio prioritário à Comissão Mineira de Folclore.

Assim aconteceu. Tivemos acesso aos auditórios da Fundação Municipal de Cultura, a todos os centros culturais regionais de Belo Horizonte e termo de cessão provisória a uma sala do Centro Cultural Salgado Filho.

Nesse percurso, tornamo-nos curadores da Exposição de abertura do Centro de Referência da Cultura Popular e

Tradicional “Lagoa do Nado” entre inúmeras outras atividades. Vale lembrar que nesse percurso descobrimos acervo de interesse da Comissão Mineira existente no Museu Histórico Abílio Barreto guardado por um dos fundadores da CMFL, Mário Lúcio Brandão. Nossos agradecimentos devem se estender também ao presidente da Fundação Municipal de Cultura, Leônidas Oliveira, o qual reconhece e apoia nossas atividades.

Camilinho: Escola de Vida

Raimundo Nonato de Miranda Chaves. Belo Horizonte: Comissão Mineira de Folclore/Edições Carranca; Afago: Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia, 2016.

José Moreira de Souza

Antes de apresentar a obra de nosso companheiro da Comissão Mineira de Folclore e da Afago, quero fazer algumas comparações que julgo relevantes para o leitor aquilatar a importância dessa obra.

Em primeiro lugar, se eu tivesse oportunidade de ministrar aulas em algum curso de Sociologia Urbana, seguramente reservaria alguns seminários tomando como paradigma o estudo da obra *Camilinho: Escola de Vida*.

Justifico imediatamente. No tempo em que frequentei os bancos escolares do curso de Ciências Sociais da, então, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - hoje Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas FAFICH - da Universidade Federal de Minas Gerais - ouvi a referência a duas obras de estudo de comunidades que seriam modelo para abordagens desse gênero. A primeira delas publicada no ano de 1929 com o título de *MiddleTown: a study in American Culture* de autoria de Robert S. Lynd e Hellen Merrell Lynd. A referida obra dos Lynd resulta de estudo em profundidade realizado ao longo do ano de 1925 e tinha como modelo as monografias de antropólogos sobre uma tribo da Austrália Central. A ambição dos autores era de sintetizar no estudo de uma pequena comunidade americana um retrato completo da cultura americana

A segunda *Strett Corner Society* de Willian Foot White se aventura a estudar um bairro de periferia e de imigrantes e foi publicada no ano de 1943 nos Estados Unidos, após quatro anos de estudos intensivos sobre organização social de gangs e a visão deteriorada e preconceituosa de que nas periferias reinava apenas desordem. Curiosamente, um estudo surgido do interesse de um jovem estudante de classe

média, capacitado em estudos econômicos, põe em foco temas de interesse para a Sociologia e a Antropologia Social – a distinção é apenas formal – valendo-se de esforço para produzir obras literárias construídas e baseadas na imaginação realista.

Estudos de comunidade prosperaram nos Estados Unidos e chegaram ao Brasil. Nessa mesma época, meus professores exigiram leitura de *Uma vila Brasileira: tradição e transição* de Emílio Willens; *Uma comunidade amazônica* de Charles Wagley; e fizeram referência a Donald Pierson com sua *Cruz das Almas e os Parceiros do Rio Bonito* de Antônio Cândido.

Críticas aos estudos de comunidade também foram expostas chamando a atenção dos constrangimentos de generalizar abordagens desse tipo para a sociedade como um todo, ao se copiar modelos dos antropólogos para estudo das sociedades complexas.

Esta rápida introdução tem como objetivo mostrar que a obra de Raimundo Nonato cria outro gênero. A comunidade apresentada por ela mesma sem mediação dos estranhos. A comunidade interpretada por seus moradores. Isto faz diferença. Essa diferença se encontra na calibragem do olhar interpretativo. Quem obedece às prescrições normativas para estudos de tribos e comunidades deve construir seu objeto tendo sempre como interlocutores privilegiados os que não conhecem o que foi estudado e impor aos “primitivos” as interpretações construídas. Há coações nisso mostrada com elegância na tese de doutorado de um autor originado dos terreiros que tomou como motivo de seu estudo como os eruditos estudam os cultos e quais contribuições oferecem. Refiro-me a obra *O antropólogo e sua magia*, título que lembra imediatamente o ensaio de Levi-Strauss “O feiticeiro e sua magia”.

Isto posto, apresento rapidamente minha compreensão e participação na construção da obra do doutor Raimundo como novo gênero de abordagem de comunidade. A comunidade por ela mesma.

Artigos e Resenhas

Sinopse sobre a obra

Camilinho é um povoado cuja primeira carta de Sesmaria data do ano de 1719 conferida pelo Conde de Assumar. No ano de 1739 nova carta de Sesmaria determina limites na região conhecida por Mandaçaia. A Lei de Terras de 1850 exibe registro de novos proprietários e o topônimo “Camilinho” é confirmado por Richard Burton na oportunidade em que visita esse povoado no ano de 1867. Na obra “Camilinho: Escola de Vida”, Raimundo Nonato, membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore, coloca em relevo a formação do povoado desde suas origens para destacar a história de cada uma das famílias residentes, com o sabor de como proveem a própria subsistência, as relações próximas e distantes na consolidação do povoado. O autor reserva a última parte para colocar em relevo a fundação da Escola Rural do Camilinho, professores e alunos da referida escola inaugurada em 1914. Com efeito, a Escola Rural de Camilinho merece atenção, não apenas por ser uma instituição estruturante das relações locais, mas, principalmente porque se tornou referência para famílias de fazendeiros de municípios vizinhos enviarem seus filhos e filhas para essa escola. Para surpresa do leitor não há um prédio pomposo, mas apenas uma sala improvisada. A importância da escola se confirma pela atenção das professoras. Disso resulta que, dessa escola, surge uma elite ilustrada atenta para o desenvolvimento das atividades rurais. Tudo isso se confirma na celebração do Centenário da Escola Rural do Camilinho: oportunidade em que comparecem ex-alunos que atuaram no alto escalão da Universidade Federal de Viçosa, da Escola de Veterinária da UFMG ou da CCPR - Cooperativa Central dos Produtores Rurais. A projeção de um pequeno povoado rural na conformação de uma região merece destaque ao chamar atenção para um construtor de capelas conhecido como Canequinha. É de sua imaginação que surge a Capela de São Miguel do Cemitério do Peixe, a cidade dos mortos que vive anualmente sua plenitude no dia 15 de agosto de cada ano. O Cemitério do Peixe é o povoado dos mortos. Apenas uma moradora reside nele junto às almas, mas na semana que antecede o dia 15 de agosto, cerca de 10 mil devotos se deslocam para essa cidade dos mortos desde o ano de 1915. Camilinho é um povoado pertencente ao município de Gouveia, mas sua importância se projeta pelos municípios vizinhos com destaque para Conceição do Mato Dentro, Presidente Juscelino, Curvelo e Santana do Pirapama. O mérito dessa obra é colocar tudo isto em evidência.

A obra tem apresentação de Antônio de Paiva Moura e prefácio de José Moreira de Souza.

Em seguida reproduzo artigo escrito na oportunidade de celebração do centenário da Escola Municipal “João Baiano” de Camilinho

Centenário da Escola de Camilinho: Uma lição para o dever de casa de todos os dias.

José Moreira de Souza

No dia 30 de novembro, todos nós estávamos em festa no Camilinho. O povoado estava entupido de automóveis e ônibus. Cavalos, vi apenas dois, descançados à sombra de uma árvore, reservados apenas para lazer. Camilinho esta em festa. Muita gente de Gouveia e gente vinda de longe; até do estado do Espírito Santo havia.

Foi um dia de glória celebrar 100 anos de fundação da Escola do Camilinho. Havia motivos de sobra. Consulto meus rabiscos para compreender esse percurso.

No ano de 1912, presidia a Câmara Municipal de Diamantina e era Agente Executivo Municipal – chama-se atualmente Prefeito – o Coronel Juscelino Pio Fernandes, o Sica do Tigre. Tigre a essa época já tinha sua escola, tanto quanto São Roberto e Cuiabá. A de São Roberto foi criada um ano antes da instalação da fábrica, a do Cuiabá resultou do Decreto 2368 de 13 de janeiro de 1909 do Presidente do Estado – naquele tempo, governador era chamado de Presidente.

No dia **7 de julho de 1912**, o agente executivo – Coronel Sica assinou ofício endereçado a “Carlos Ribas Dornas, Mel. Pinto de Miranda, Octaviano de Miranda Lima, Juscelino Antão – residentes no Camilinho. Comunica criação de uma cadeira mixta e nomea prof^a Benedicta de Oliveira”. A escola “mixta” – era assim que se escrevia – foi iniciativa da Prefeitura, mas, em 31 de agosto é encaminhado o pedido ao Governo do estado no qual “Pede-se escola de instrução primária para o povoado de Camilinho – Gouveia ao Secretário do Interior”.

Estas são minhas anotações a partir do arquivo da Câmara Municipal de Diamantina. Logo “O Sr. Juscelino Pio Fernandes passou o exercício de Presidente da Câmara e Agente Executivo municipal ao Sr. Cosme Alves Couto” no dia 30 de setembro de 1912, ficando, portanto, ao encargo do Governo do Estado assumir a “criação” – mais uma vez, era assim que se escrevia – o que foi feito pelo Decreto 4057 de 6 de dez de 1913. Da parte do Governo, contudo, a primeira professora – Maria Amélia de Miranda -, foi nomeada no dia 4 de maio de 1914, segundo pesquisa atenta de nosso professor Doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves.

Artigos e Resenhas

Agora vamos dar asas à imaginação. Antes de criação da escola de Camilinho, todo mundo era analfabeto? Resposta à imaginação: Não. As pessoas mais instruídas ensinavam o que sabiam ler, escrever e contar. Isto explica que Sica tenha encontrado com facilidade a professora Benedita de Oliveira para ser a primeira professora reconhecida pelo poder público para ministrar aulas naquela localidade, à época uma das mais importantes de Gouveia.

Esta imaginação tem base. O padre Manuel Ribeiro de Oliveira foi nomeado professor de Primeiras Letras em Gouveia, no ano de 1791, ou seja, há 222 anos. Foi quando o Governo da então Capitania de Minas Gerais se interessou por criação de escolas. O padre já ensinava, continuou ensinando até morrer, sem que a nomeação lhe tivesse valido um tostão de mel coado, como se diz popularmente.

O Doutor Raimundo relata ainda ter encontrado em suas buscas uma informação curiosa. Antônio Francisco Pinto Mundéo – seu bisavô – atuou como examinador na escola do Tigre. Ora, o que isto quer dizer? Que os alunos eram arguidos por alguém que funcionava como inspetor. Havia nessa época uma tradição antiga que autorizava um visitante a fazer perguntas aos alunos para testar ou elogiar a qualidade do ensino. Quando Dom Pedro II visitou o colégio do Caraça, um dos arguidos foi o estudante Joaquim Silvério de Souza, que depois se tornou o primeiro arcebispo de Diamantina. O examinador era um pouco diferente do visitante, mas ele tinha as mesmas características, funcionava como auditor do Estado. Em Gouveia, o Major Anatólio Alves de Assis tentou recuperar essa tradição quando ministrou história no ginásio Santo Antônio, no ano de 1968. A tradição não está morta. As Olimpíadas de Matemática, ou de Língua Portuguesa são imitação dessas práticas antigas.

Portanto a imaginação nos autoriza a afirmar que as crianças aprendiam no Camilinho sem professor remunerado até o dia 4 de maio de 1914.

Faço agora uma pergunta bem maliciosa. A Escola do Camilinho, então foi criada apenas para dar emprego primeiro à Dona Benedita e em seguida à Dona Maria Amélia? Vou envenenar mais ainda esta pergunta. Lá por volta de 1910, todos os povoados se animaram com a ideia de ter uma escola. Elas de fato se multiplicaram em Gouveia. De vez em quando, o governo punia os povoados transferindo escola criada em um lugar para outro. Isto aconteceu, por exemplo, com o povoado do Tombadouro – então pertencente ao distrito de Gouveia ou à paróquia. A escola de Tombadouro foi transferida para o povoado do Cachimbo, próximo a Datas. Mas, o que interessa mesmo são duas coisas. Por volta de 1915 chegou ao povoado do Espinho um mestre escola. Era um senhor conhecido como “Neco Cinquenta”, avô de Geraldo, Irineu, Rubens e José João Bittencourt. Neco permaneceu pouco tempo ali, mas o suficiente para ensinar às crianças a ler e escrever. Muitos anos depois, Seu Mário Gomes – o Mário Maria fundador da casa comercial – foi ter àquela localidade e pediu a uma senhora que lhe desse sua filha para ser criada em sua casa em Gouveia. Justificou que, em Gouveia, ela poderia estudar e que não seria explorada em sua casa. Recebeu a seguinte resposta. “Ela não precisa de Gouveia para estudar. Aqui

nós sabemos ensinar nossas crianças a ler e escrever.” Espinho somente voltou a conhecer escola na localidade quando Efigênio ou Teódulo criaram estabelecimento na localidade e nomearam Augusta de Nonô Ribas como professora. Segundo depoimento de uma senhora. O povo se sentiu valorizado, muito valorizado e não era porque a professora vinha ensinar a ler e escrever. Era porque era branca. Quando ela foi removida e nomeada uma nova professora da mesma cor dos moradores, a indignação foi geral. “O prefeito estava pensando que nós iríamos passar nossa cor para a dona Augusta?” Perguntou a depoente já com a resposta na ponta da língua. A professora de nossa cor só ensinava o que nós já sabíamos. [Eu fiquei muito feliz com este comentário. A senhora que disse isto deu um depoimento importante e na contramão das políticas de integração étnica que são de fato de segregação. Segundo ela, nas escolas para branco, os professores deveriam ser negros e na escola de negro, os docentes seriam necessariamente brancos.] A lição do Espinho é a seguinte, escola é dispensável quando as famílias valorizam a educação em seus mais variados aspectos.

Outro veneno. Em Minas, o Estado demorou a cuidar de instituições escolares. Refiro-me ao Estado no período colonial. No entanto, em todos os povoados as pessoas tinham escolas. Não é a escola que vemos hoje. É de outro tipo. No ano de 1831, ou seja, há quase 200 anos, foi feito um censo em todo o distrito de Gouveia. Não parece nenhum mestre escola como profissão declarada, mas comparecem mais de uma dezena de Mestres de Música. Ora, o caminho para aprender era pela música. Ler, cantar e tocar. Para botar bastante veneno, os mestres de música eram em geral mulatos, ou seja, mistura de negros e brancos, mestiços.

A criação de escolas nos povoados animou Gouveia a pleitear a mais nova invenção de educação: o Grupo Escolar. Para adoçar a boca dos gouveianos, o governo do Estado criou pelo “Decreto 5068 de 20 de agosto de 1918 o Grupo Escolar de Gouveia”. Porém, foi apenas o “Decreto 9059 de 6 de maio de 1929 cria grupo escolar de Gouveia, denominado “Aurélio Pires””. Ou seja, o Grupo somente apareceu 11 anos depois.

Com tanto veneno, cabe agora mostrar onde Camilinho se torna dever de casa. O centenário nos obriga a lembrar tudo isto e a tornar presente em nosso cotidiano que escola não é expediente de criação de emprego. É instituição de educação. Mais ainda, uma escola só se torna instituição de educação apenas quando ela se percebe insuficiente para educar. Não é mérito de a escola ter alunos famosos, é mérito, sim saber reconhecer as habilidades dos alunos e promovê-las.

Uma escola pela qual passou tanta gente que brilha no cenário de Minas e do Brasil guarda um modo diferente de ser escola. Há que conhecer o princípio genético. Entendo que um dos genes é responsável pela vinculação do saber fazer com o saber dizer o que se faz.

Destaco pessoas enumeradas no discurso do professor doutor Raimundo:

“Zenilia Zenolia de Miranda, aqui, representada pela filha: professora Amélia de Miranda Cha-

Artigos e Resenhas

ves Mendes. Professora Maria Luiza Ferreira de Miranda, aqui, representada pelos seus filhos, os irmãos Ferreira de Miranda: advogado Milton, advogado Manoel Luiz, pedagoga Diva Maria e engenheiro florestal Valdir; seguindo a professora Maria Luiza: todos os seus alunos. Em 1937, professora Maria José Baracho, Zezé Baracho, convidado para representá-la o ex-aluno: produtor rural e nosso vizinho Pedro Teles. Pedro foi estudante brilhante e tem no seu currículo a representação da Comunidade de Camilinho saudando o arcebispo de Diamantina: dom Serafim Gomes Jardim em visita pastoral à comunidade Em 1941, professora Margarida Maria da Silva, Guidinha, aqui, representada pelos seus filhos, todos eles, os irmãos Silva de Miranda: médico veterinário Geraldo, que saiu de Colatina, norte do Espírito Santo para estar presente nesta celebração; representante comercial José Luiz, administrador de empresa Edimar e as meninas professoras: Lea, Marilene e Marilea; em seguida todos os seus alunos. Guidinha foi a primeira professora a ensinar na escolinha azul e branca localizada na face norte desta construção. Zuzu, - Maria Luiza - representada pelos seus filhos: empresário rural Helder.”

Quero destacar: primeiro as professoras pertenciam à comunidade; conheciam, portanto, sua tradição. Segundo, os pais cuidaram de formar professores que deveriam retonar para ensinar. Terceiro, os alunos que tiveram condição de se sobressaírem eram todos de família de posse, mas eis a grande diferença, todos escolheram carreiras vinculadas diretamente ao saber fazer aprendido na vida do Camilinho.

Nosso doutor Raimundo diz mais ainda:

Neste século a escola não serviu apenas esta comunidade. No passado tivemos, aqui, estudantes de localidades bem distantes: Fazenda Água Boa, então município de Curvelo, nos mandava os irmãos Monteiro de Miranda que, durante o ano letivo, residiam em Camilinho: meninos com o avo Niquinho, meninas com a tia Zenilia. Marcam presença nesta celebração, com suas famílias: Haroldo José de Miranda e Cosme de Miranda. Fazenda do Vassalo, município de Conceição do Mato Dentro, a conceituada família Dumont nos mandava uma graça de menina: Herminia Dumont. Fazenda da Capivara, fronteira oeste do município de Gouveia a família Ribeiro nos mandava a menina: Jovita Ribeiro. Ambas eram hospedadas, durante os períodos letivos, pelo casal: João Baiano x Zenilia.

Moral da história, Camilinho se firmou como escola de formação de uma elite agrária. Não há de espantar que o professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves tenha alcançado o posto que se chama hoje de Pró Reitor na conceituadíssima Universidade Federal de Viçosa, Que Jadir tenha chegado ao posto de Diretor da Escola de Veterinária

da UFMG, que Manuel Luiz Ferreira de Miranda além de advogado e contador, tenha sua presença eternizada na cidade de Jequitibá pelo competente direção da Cooperativa de Produtores Rurais.

Minha pergunta agora não tem veneno algum. Quantas escolas rurais há em Minas Gerais e dessas, quantas obtiveram o mesmo êxito? Porque não aconteceu o mesmo com as demais escolas rurais de Gouveia? Há um enorme desafio para a educação escolar. Os estudiosos afirmam que a escola como agência de educação ainda não conseguiu romper com uma educação elitista. Eu afirmo mais ainda, é mais frequente nossas escolas formarem uma elite equivocada, presa à defesa dos próprios privilégios. Camilinho é um exemplo para o Brasil. A promoção social exige pelo menos duas posturas: primeiro formar professores da comunidade que retornem à mesma comunidade para promover aprendizagem; segundo, tais professores estarão sempre atentos ao que o aluno traz de conhecimento vivido e facilitar apenas o saber dizer de sua prática. A partir daí, tudo mais flui naturalmente. Raimundo, professor de matemática, estatística e informática, leu e lê as principais obras da literatura nacional, ouve e aprecia músicas adequadas a cada momento da vida. Faz tudo isto porque aprendeu a ler. É pessoa admirada e generosa com todas as pessoas sem distinção de classe e cor, porque aprendeu a cortejar os valores de cada um. Ouve críticas sem medo de ser diminuído em seu saber porque quer sempre aprender. Sabe que cada pessoa sabe o que ele mesmo não sabe- eis o grande segredo do saber aprender. Digo mais, Camilinho somente celebrou o Centenário porque um aluno e filho da terra se deu a missão de passar para as gerações vindouras de todo o mundo que ali houve uma semente fértil.

No Espinho, também houve a semente lançada por Neco Cinquenta. Um dos filhos ilustres desse centenário povoado iniciado por Lourenço Ferreira Gomes, refiro-me a Heli, chegou à presidência da Câmara Municipal de Gouveia e pensa constantemente em promoção social de seus conterrâneos. Por sua competência, Efigênio Paixão, sempre atento, comentou: “Ele seria o melhor candidato a prefeito, se a Gouveia fosse capaz de valorizar suas prendas.” Sobre a mensagem que deve permanecer sobre a Escola de Camilinho, essas palavras do nosso Doutor Raimundo merecem uma placa de bronze:

A escola onde vocês estudam é a mesma escola onde estudaram os pais de vocês, onde estudaram os avós de vocês e onde estudaram os bisavós de vocês. São quatro gerações que tiveram a graça de contar com esta escola para iniciar a formação de sua cidadania. Nós reconhecemos a importância deste trabalho e nos reunimos aqui hoje para agradecer e para homenagear esta instituição.

É lição para ser imitada plenamente em todos os aspectos. E fica a pergunta para incomodar: Por que Gouveia não criou uma elite industrialista? Camilinho criou a elite agrária com altíssima competência.

Artigos e Resenhas

COMPLEXO CULTURAL NATALINO

Antônio Henrique Weitzel

1. ORIGEM DAS FESTAS – As festas tiveram uma origem comum e uma forma de culto externo tributado a uma divindade, realizadas em determinados tempos e locais, desde a arqueocivilização. Começaram quando o homem, saído das cavernas, deixou de ser mero coletor de alimentos, para produzi-los, cultivando a terra, semeando, plantando. Preocupou-se então em agradecer às divindades a boa colheita e suplicar-lhes a proteção contra pragas e danos nas plantações, com ritos gratulatórios e propiciatórios, representados por festas, danças, folguedos. Essas festas receberam roupagens novas com o advento do cristianismo, que delas se valeu como poderosa força de coesão grupal e de solidariedade vicinal.

Portugal antigo nos passou três festas fundamentais: Natal, Páscoa e São João: a primeira e a última fixas, a segunda móvel.

2. NATAL – Os festejos de Natal têm início no dia 24 de dezembro, véspera de Natal, e se prolongam até o dia 06 de janeiro, dia dos Santos Reis. É o Ciclo do Natal, que se desenvolve em torno da Missa do Galo, da armação de Presépios ou lapinhas, preparação da Árvore de Natal, troca de presentes e oferecimento de brinquedos às crianças, na forma de Papai Noel. Reúne-se a família em torno de uma mesa para a Ceia de Natal, com cânticos, danças e outras manifestações de alegria.

Mas não foi sempre assim. Antes não havia data fixa para tal celebração: ora se realizava em janeiro, ora em fevereiro, ora em abril, pois não se conhecia a data certa do nascimento de Jesus. Foi Hipólito (170-235), bispo romano de Óstia, cidade balneária da Roma antiga, quem, após profundas pesquisas, chegou à conclusão de que tal evento se deu no dia 25 de dezembro do ano 5.500 depois de Adão. Então o Papa romano São Júlio I (280-352) fixou em 25 de dezembro as celebrações do Natal, coincidindo também com a antiga festa pagã do Sol, que acabou sendo reinterpretada pelos cristãos.

3. MISSA DO GALO – Foi São Telésforo, que governou a Igreja de 125 a 136, martirizado no tempo do Imperador Adriano (76-138), quem instituiu a Missa do Galo, a qual se integrou aos hábitos do povo, participando deste contexto folclórico. Além de seu aspecto religioso, é costume tradicional de nossa gente. É daquele Pontífice a determinação de que em todas as igrejas fossem, naquela data, rezadas três missas: a primeira à meia-noite, considerada a hora do nascimento de Jesus, a Missa do Galo, (**“Dóminus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hódie genui te”**= O Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei). A segunda na aurora, momento da adoração dos pastores (**“Lux fulgêbit hódie super nos, quia natus est nóbis Dóminus”** = A Luz brilhará hoje sobre nós, porque nasceu para nós o Senhor). A terceira depois do nascer do sol

(**“Puer natus est nóbis, et Filius datus est nóbis”** = Nasceu nos hoje um Menino, e um Filho nos foi dado). Este costume vigorou na Igreja por muitos séculos.

Para a explicação do termo “Missa do Galo” há uma lenda curiosa de fundo religioso, com fórmulas imitativas das vozes dos animais, sendo essa ave a primeira a dar a notícia. Assim:

- O galo: “Cristo nasceeeeeu!”
- O boi: “Oooooonnnnde? Oooooonnnnde?”
- A ovelha: “Em Beléééém! Em Beléééém!”
- O bode: “É mentiiira! É mentiiira!”
- O burro: “Não conte! Não conte!”

Para esperar a Missa do Galo, o povo ceava e se divertia. O tradicional peru não podia faltar nessas celebrações.

4. O PRESÉPIO - Tal como o conhecemos hoje, foi vulgarizado por São Francisco de Assis (1182-1226), montado com figuras vivas num bosque de Greccio, na Itália, em 1223. Daí foi popularizado por toda a parte. As freiras do Salvador montaram o 1º presépio em Lisboa, em 1391. A tradição manda que seja montado em dezembro, mas o Menino Jesus só é ali colocado na noite de 24 para 25 de dezembro. A data certa para desarmá-lo é no dia 2 de fevereiro, que é o dia da festa da Apresentação do Menino Jesus no Templo e da Purificação de Nossa Senhora (também chamada de Nossa Senhora das Candeias ou Nossa Senhora da Candelária).

5. A ÁRVORE DE NATAL - Antiquíssimo culto dendrolátrico muito anterior ao cristianismo – era o centro de folguedos populares e cultuada em maio, carregada de luzes, bandeiras. Aculturou-se ao ciclo de Natal, passando para dezembro, no Natal cristão. Consta ter sido Lutero (1483-1546) quem primeiro iluminou uma pequena árvore no recinto familiar, provavelmente depois de 1525, quando ele se casou. Depois, passou a toda a Alemanha, França, Inglaterra, Portugal e Brasil, para onde veio em 1909, quando foi montada pela primeira vez na cidade de Natal. Atualmente é elemento decorativo, sem qualquer expressão religiosa e nenhuma ligação com o motivo do nascimento de Cristo. É sobrevivência pagã, inarredável, dentro do Natal Cristão. Mas costuma substituir o presépio, como acontece com a lapinha, em muitos lugares.

6. O PAPAÍ NOEL - Na Europa, a história do Papai Noel é muito confusa. É posterior ao séc. XIX. Os alemães foram os seus grandes divulgadores, junto com a árvore de Natal. Papai Noel é sempre de iniciativa oficial, comercial e letrada, nunca popular. Mas os meios de comunicação se encarregaram de divulgar a sua figura, mais jocosa que venerada na apreciação coletiva. O primeiro desenho do Papai Noel data de dezembro de 1861, feito por um alemão naturalizado americano. Não é uma figura cristã, embora muitas lendas queiram associá-lo a São Nicolau (séc. IV), bispo de Mira, na Lícia, região ao sul da Ásia Menor, e padroeiro da Rússia e da Grécia. É o Santa Claus,

Artigos e Resenhas

dos países de língua anglo-germânica, personificação do espírito religioso e festivo do Natal, conhecido na França como Père Noël, o popularizado Papai Noel do Brasil, com sua roupa vermelha e branca, botas e cinto pretos e cabeleira e longas barbas brancas, montado em seu trenó puxado por douradas renas mágicas, numa velocidade de pensamento, entrando pela chaminé das casas e trazendo nas costas, todo risonho, um saco cheio de brinquedos para dar às crianças bem comportadas e que deixaram seus sapatos junto ao presépio, ou à lareira, ou ao pé da árvore de Natal. Diante de sua aceitação coletiva, deve-se reconhecer que sua figura vai aos poucos se integrando ao nosso folclore natalino.

7. ANO BOM - Entre os festejos natalinos e de Reis, temos as festas de Ano Bom, ou da passagem do ano, as quais não são uma característica de nenhum povo em especial, mas comemoradas por toda a humanidade. Seguramente herdamos estas comemorações do português colonizador, que as recebeu dos romanos, e estes dos gregos. Toda a Europa conheceu estes festejos na passagem do ano. Em Portugal tais festas eram conhecidas como “janeiras”, quando, na véspera do ano novo, um bando de “janeireiros” iam tocando buzina pelas ruas e, de porta em porta, pediam dádivas para a festa. E cantavam, e dançavam, e agradeciam. Além da troca de presentes, rememorando tradições arcaicas, permanecem até hoje algumas crendices no meio do povo, o qual acredita que, como forem os primeiros dias do ano, serão os doze meses do ano entrante. Daí a preocupação de começá-lo bem. Estão aliadas a numerosas superstições e crendices, geralmente com finalidades exorcistas e mágico-terapeutas contra os maus fados do ano que vai começar.

8. OS SANTOS REIS - Rememorando a viagem dos Reis Magos, que representam toda a humanidade, todas as raças, já que Jesus veio para todos, temos as Folias de Reis, uma das mais antigas tradições populares do Brasil. É festa folclórica e ritual. Misturam paixão com religião e crenças do interior brasileiro. Duram 13 dias, ou melhor, 13 noites, pois só viajam à noite, a exemplo dos Reis Magos, que eram guiados por uma estrela, a “estrela-guia” (representada na Folia pela bandeira). Iniciam sua peregrinação, visitando os presépios das casas da comunidade, a partir da meia-noite do dia 24 de dezembro, até às 4 ou 5 horas da madrugada, quando o grupo se dissolve, para se reunir novamente à noite e recomeçar as suas visitas, encerrando-as no dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis. Nesse dia, a Igreja comemora a Festa da Epifania do Senhor, que quer dizer aparição, manifestação, porque Cristo se manifestou então aos olhos do mundo, de toda a humanidade, representada pelos Reis Magos. Faz-se alusão a eles em todo o próprio da missa deste dia de festa, a segunda maior do ciclo natalino. Em nenhum momento, porém, lhes dá o título de reis ou de santos, nem seu número, nomes ou características. O evangelho de São Mateus diz simplesmente “.....**ecce Magi ab Oriente**

venerunt Jerosolymam....” (...eis que uns Magos vieram do Oriente para Jerusalém...) (Mat.2.2). Pinturas descobertas nas catacumbas romanas e documentos antigos apresentam duas, quatro, seis e até mesmo doze personagens. Seu número de três foi fixado talvez por corresponder ao número de presentes ofertados: ouro (porque Jesus era rei), incenso (porque Jesus era Deus) e mirra (porque Jesus era homem), ou então por representarem eles as três raças oriundas dos filhos de Noé (Sem, Cam e Jafé): os semitas, os camitas e os jaféticos. Sem falar que esses eram os produtos mais preciosos daquele tempo e foram singularmente os únicos presentes que Jesus recebeu em toda a sua vida terrena. Os nomes pelos quais os Magos ficaram conhecidos foram mencionados pela primeira vez em um códice da Biblioteca Nacional de Paris, no séc. VII, a saber: Melquior ou Belchior, Gaspar e Baltasar. Suas características foram assim descritas por São Beda, o Venerável (673-735), monge e historiador inglês, de notável saber: Melquior era velho, de barbas longas e brancas, Gaspar era jovem, imberbe e ruivo, Baltasar era negro, de barba cerrada. Silva (2006, p.21) chega a transcrever o texto latino que a isso alude: **“Primo fuisse dicitur Melchior, senex et canus (.....). Secundus nomine Caspar, iuvenis imberbis (....) Tertius, fuscus integre barbatus Balthasar nomine.”** Pelo sim, pelo não, prefiro acompanhar São Beda que, além de santo, douto historiador e venerável, viveu mais próximo (sécs. VII/VIII) dos Reis Magos do que eu (Séc. XXI).. Mas até hoje é grande a confusão sobre a sua identificação. As folias explicam essa divergência como um disfarce dos Magos para escaparem dos soldados de Herodes e até usaram máscaras para esconder seus rostos e identidades. Consta ter sido São Cesário (470-543), bispo de Arles, na França, quem atribuiu pela primeira vez aos Magos o título de Reis. Mas foi só a partir do séc. XII que passaram a ser cultuados como Santos, canonizados pelo povo, o mesmo tendo acontecido com os primeiros santos do cristianismo. E, curiosamente, o povo os venera em conjunto: o Santo Reis (Viva o Santo Reis!).

9. SIMPATIAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES – Numerosas crendices e superstições estão ligadas a este Ciclo Natalino:

01. Quem arma presépio um ano deverá repeti-lo por mais 6 anos seguidos, para que não lhe aconteça uma desgraça durante esses sete anos..

02. O presépio deve ter sempre uma luz acesa, para que o Menino Deus não nasça no escuro, Ele que é a luz do mundo. O mesmo cuidado deve ter-se quando nasce uma criança, mantendo-se uma luz acesa na casa até que ela seja batizada.

03. O presépio só pode ser desmanchado no dia de Nossa Senhora das Candeias (02 de fevereiro). Se tal for necessário fazê-lo antes, deve ser substituído por uma lapinha, para que a casa não seja amaldiçoada.

04. Não dormir na passagem do ano. Vendo-a de olhos abertos, também verá o romper da aurora do ano seguinte.

Artigos e Resenhas

05. O que se faz no primeiro dia do ano repete-se o ano inteiro. Por isso o costume de colocar uma roupa e calçados novos e evitar brigas e discussões.

06. Na passagem do ano chupar 3 uvas brancas e guardar suas sementes na carteira, para ter dinheiro o ano inteiro.

07. Casar-se ou fazer batizado nesse dia traz muita felicidade.

08. Ficar com carteira marrom nesse dia dá azar. No primeiro momento do ano novo, ela deve ser trocada por uma carteira preta.

09. Na passagem do ano, abrir janelas e portas da casa, para que a felicidade nela entre.

10. A pessoa que se põe bem bonita na passagem do ano, permanecerá bonita o ano inteiro.

11. Para o ano começar bem, procurar encontrar-se naquele dia, por primeiro, com uma pessoa de caráter.

12. Viajar no primeiro dia do ano não presta, pois a pessoa viajará o ano inteiro.

13. Para ter dinheiro o ano inteiro, na noite de 31 de dezembro, na passagem do ano, deve-se comer lentilhas, puras ou misturadas com outros alimentos.

14. Para ter felicidade no lar, escrever atrás da porta, em cruz, os nomes dos Três Reis Magos: Melchior, Gaspar e Baltasar.

15. Para conseguir qualquer coisa que se deseja alcançar, no dia dos Santos Reis, chupar sementes de romã e guardar 3 caroços dentro da bolsa ou da carteira.

16. Uma outra simpatia é colocar 3 sementes de romã na lareira – para tê-la sempre acesa o ano inteiro, 3 sementes na sacola de pão – para não faltar o alimento na casa, e 3 sementes na carteira – para a pessoa ter dinheiro o ano todo.

17. Quem participa de uma folia deve fazê-lo por sete anos completos, para não ter sete anos de atraso na vida.

18. Quem despreza uma folia será amaldiçoado pelos Santos Reis.

19. Sabe-se que o som da música da folia cura dor de cabeça, dor de ouvido e dor de dente.

20. É também o último dia para se retribuírem presentes recebidos no dia de Natal ou do Ano Bom.

10. BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Renato. **Manual de Coleta Folclórica**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1965.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Festas, Bailados, Mitos e Lendas**. São Paulo: Melhoramentos, 1964 (Coleção Folclore Nacional, II).

BRAGA, Theófilo. **O povo português nos seus costumes, crenças e tradições**. 2. ed. vol. II. Lisboa: Publ. Dom Quixote, 1986.

DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. Trad. de J. R. Carvalho Braga. 2. ed. Rio de Janeiro; Casa Publicadora Batista, 1965.

KECKEISEN, D. Beda, O.S.B. **Missal Quotidiano**. 5. ed. Bahia: Oficinas Tipográficas do Mosteiro de São Bento, 1944.

LIMA, Rossini Tavares de. **Folclore das Festas Cívicas: Carnaval – Semana Santa – Festa de Santa Cruz – São João – Natal**. São Paulo / Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1971.

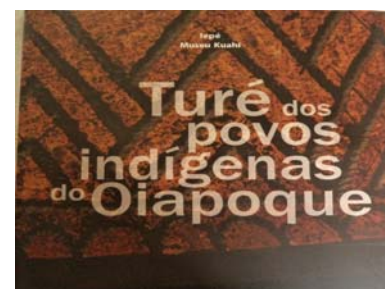
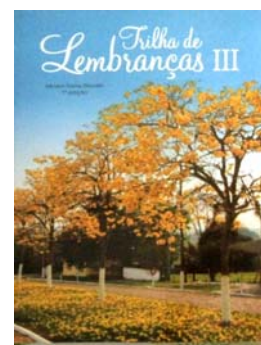
LIRA, Mariza. **Migalhas folklóricas**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1951.

MARTINS, Saul. **Folclore: teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

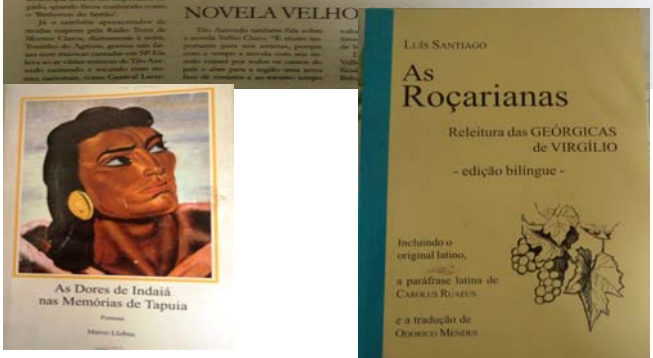
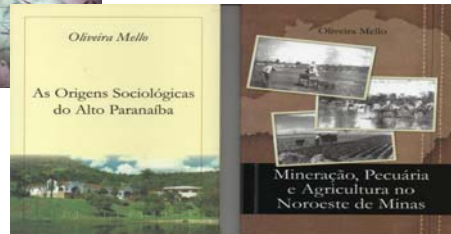
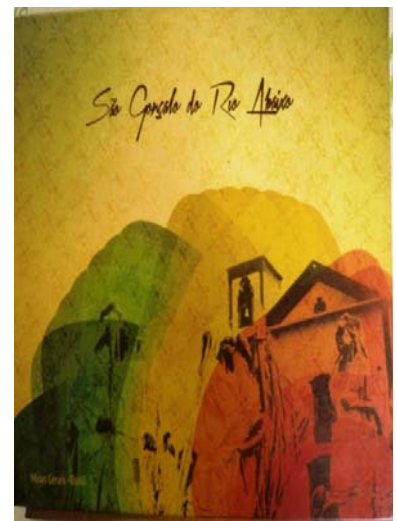
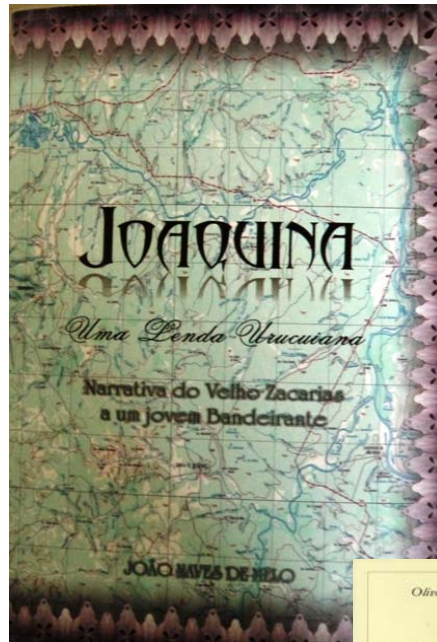
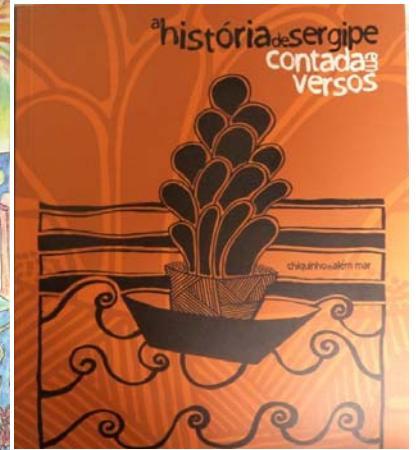
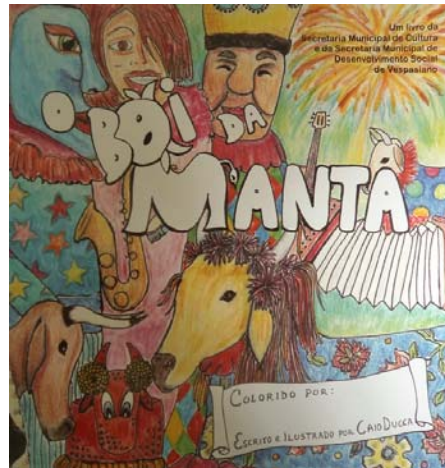
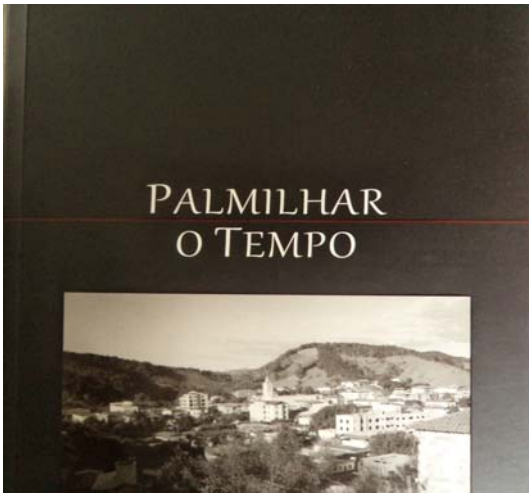
SAINTE BIBLE EN LATIN ET EN FRANÇAIS. Avec les commentaires de Menochius et des notes. Tome 5ème. Besançon: Imprimerie D'Houthenin Chalandre Fils, s/data.

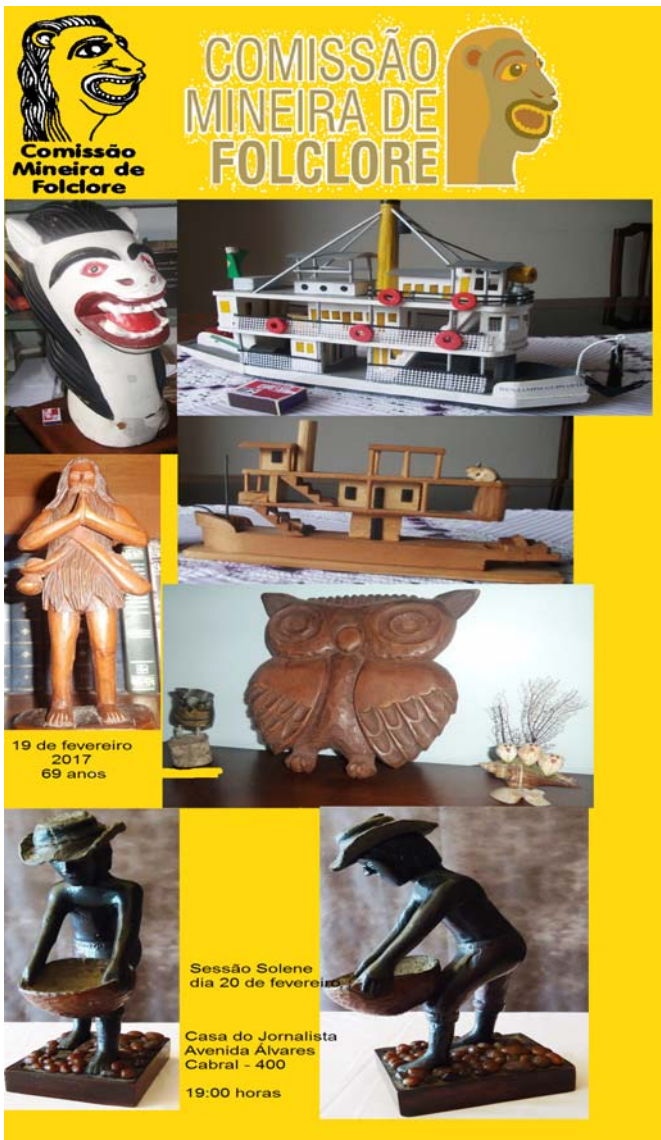
SILVA, Affonso M. Furtado da. **Reis Magos – História – Arte – Tradições: fontes e referências**. Rio de Janeiro: Leo Christiano editorial, 2006.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Magia, religiosidade e superstição na cultura popular: breve estudo das simpatias, tabus, rezas, benzeções e crendices do povo**. Juiz de Fora: Franco Edit., 2007.



Aguardar Resenhas





Agradecimentos:

**Prefeitura Municipal de Belo Horizonte -
Fundação Municipal de Cultura**



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Número 01-17– Janeiro - março 2017.

Acessível em www.afagouveia.org.br/ComissaoMineiraFolclore.htm
ou www.folcloreminas.com.br

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: José Moreira de Souza, Antônio de Paiva Moura,

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2014 - 2017

Presidente de Honra: Domingos Diniz

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Míriam Stella Blonski

Secretária: Juliana Correa de Carvalho Garcia

Tesoureiro: Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Conselho Fiscal da CMFL

Antônio de Paiva Moura

Edméia da Conceição de Faria Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia

IMPRESSO

Remetente

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: folcloreminas@folcloreminas.com.br